Cinearte
ANNO V
N. 252
BRASIL, RIO DE JANEIRO, 24 DE DEZEMBRO DE 1930
Preço para todo o Brasil 1$000
DORIS HILL

NÓS
OFFERECEMOS
DINHEIRO...
$$$$$$$$
SÍM,
Porque todos ganham
dinheiro e augmentam
as suas vendas
annunciando
nas Revistas:
Eu vi: - Para-todos... - Cinearte -
O Tico-Tico - Moda e Bordado -
O Mez Illustrado - Illustração
Brasileira - Leitura para todos

"The Beloved Enemy", que Al Rogell vae dirigir para a Tiffany, terá Vilma Banky no primeiro papel.

◈ ◈ ◈

"The Dawn Trail", da Columbia, tem Buck Jones no principal e mais o seguinte elenco, dirigidos por Christy Cabanne e operados por Ted Mc Coy:— Miriam Seegar, Erville Alderson, Edward Le Saint, Charles King, Hank Mann, Slim Whitacker, Charles Brinley, Inez Gomez, Charles Morton e mais alguns sem importancia.

◈ ◈ ◈

Robert Ames, Josephine Dunn e Ivan Linow acham-se no elenco de "Madonna of the Streets", que a Columbia está fazendo com Evelyn Brent como "estrella" e John S. Robertson na direcção.

◈ ◈ ◈

"Children of Dreams" é o titulo do segundo film que Alan Crosland está fazendo para a Warner, tirado de operetas de Romberg-Hammerstein.

◈ ◈ ◈

June Marlowe, lembram-se?... Está trabalhando numa comedia da "Our Gang", coitadinha...

MARY BRIAN

JA' nos temos mais de uma vez destas columnas referido ás possibilidades que se podem abrir á Cinematographia Brasileira, hoje que ella está com um apparelhamento como nunca teve, se ao lado dos films destinados á pura diversão se consagrar tambem á confecção de films para fins educativos.

Não ha muitos dias o ministro da Educação se dirigia aos interventores em Minas e no Districto Federal, Srs. Olegario Maciel e Adolpho Bergamini, solicitando-lhes a indicação de um departamento administrativo com o qual pudesse manter relações e correspondencia o Instituto do Cinema Educativo, creado pela Sociedade das Nações e que tem a sua séde, luxuosamente, principescamente mesmo installada em Roma, á Villa Falaniesi.

Esse Instituto, a que por varias vezes temos feito referencias em nossa revista, tomou a si a tarefa de fazer a propaganda do film como auxiliar pedagogico, mostrando as suas grandes vantagens, buscando reunir toda a documentação a respeito, atravez de todos os paizes.

Em nosso Brasil pouco terá que reunir o Instituto, pois que em materia de Cinema educativo estamos ainda na primeira infancia.

Mas valha quando menos a intenção.

A iniciativa pode nos trazer alguma utilidade, chamando a attenção dos responsaveis pela nossa instrucção para o assumpto.

Podemos e devemos importar films educativos que aos milhares se fabricam já nos Estados Unidos, Allemanha e França principalmente. Concomittantemente, porém, precisamos estudar as possibilidades da implantação entre nós desse ramo de producção cinematographica, por isso que films destinados ao Brasil, a educação das creanças brasileiras, tem em grande parte de ser aqui mesmo feitos.

A occasião parece-nos ser propicia para isso.

A' testa da pasta da Educação está um dos mais brilhantes expoentes da nova geração dos estadistas mineiros, sob cuja responsabilidade se fez a reforma da instrucção no Grande Estado central, justamente considerado como modelar por algumas das maiores notabilidades em materia pedagogica como por exemplo, para não citar outros, o professor suisso Claparède.

Necessariamente a instrucção federal vae soffrer profunda reforma.

Nem é possivel que isso deixe de acontecer, quando tudo está a clamar por ella.

A orientação do actual governo sobre o assumpto ainda não está conhecida, mas a escolha do estadista que foi dirigir a pasta da Educação ahi está naturalmente a proclamar que a reforma vae ser total, vae ser completa, não um desses periodicos remendos com que, de quatro em quatro annos, se tenta cobrir a miseria da nossa organização educacional, recentemente posta ainda a prova nos exames por decreto até... nas linhas de tiro.

Não poderá escapar ao espirito do reformador a importancia do film quer nas escolas infantis, já nas profissionaes até os institutos universitarios.

Deve haver uma communhão de esforços entre os poderes federal e municipal para um ensaio em larga escala do film como apparelho pedagogico.

A instrucção municipal, hoje liberta da influencia tutankamica do notavel Sr. Frota Pessoa, o bacharel regrinhas, o doutor regulamento, tem de evoluir, tem de melhorar, despindo-se da poeirada burocratica para organizar-se mais efficientemente. Da collaboração dos departamentos federal e municipal é de prever surja cousa digna de ser louvada.

E' por isso que nos alenta a esperança de que o cinema venha afinal a ser tomado na devida consideração.

E' por isso que nos alenta essa esperança, já nos adeantamos a desejar que os productores brasileiros lancem as suas vistas para esse novo campo de exploração aberto á sua actividade. No entender de muitos technicos yankees, no modo de pensar de muitos publicistas daquelle grande paiz, dentro de poucos annos a producção do film instructivo terá muito maior importancia do que a do film destinado exclusivamente a diversão.

Que os nossos productores vão pensando no assumpto e principalmente cuidem de orientar pedagogicamente essa producção, dando-lhe uma orientação scientifica, para não se exporem aos azares de uma experiencia que lhes pode resultar desastrosa, trazendo como inevitavel consequencia a desmoralização do producto.

Vamos brincar...

O menino foi dormir, maluco de contentamento. Que bom! Amanhã... Natal!!! São Nicolau! Presentes! O trenzinho que pedira! O cavallo de páo que parecia de verdade! Os soldadinhos de chumbo! O tambor! A espingardinha! A bola n.° 5! Que bom! E depois, nos seus ouvidos, ainda echoavam as ultimas palavras de Mamãe:

— Filhinho, durma depressa. Eu vou pôr agua e capim debaixo da cama, meu bem, porque estou com um presentimento que o Menino Jesus tambem virá trazer alguma cousa para você...

Que colosso!

Deitou-se. Seu pequenino cerebro, kaleidoscopio de recordações pequeninas, vazou-lhe todo o dia agitado que vivera. O passeio pela cidade. As ruas cheias de crianças. Lojas e mais lojas abarrotadas de presentes. São Nicolau dentro de todas ellas, sorrindo, sempre corado e sempre com frio, cheio de arminhos... A unica recordação triste que lhe ficara, daquelle dia de agitações e caminhadas, fôra a lembrança daquelle pequenino vendedor de jornaes, humilde, rasgadinho que estava diante da vitrine daquella casa de brinquedos, olhos esbugalhados, timidos, a contemplar aquelles bonecões de panno e aquellas bolas de vivas côres que o deixavam atordoado e com um grande nó na garganta rouquinha de tanto gritar: "*A Noite! O Diario! O Estado!*", dia e noite, até ensurdecer-se a si proprio...

Depois, elle fechou os olhos. Tornou a abril-os. Tornou a fechal-os. Na escuridão daquelle quarto, no socego daquella noite quente, nada mais havia, mesmo, do que o respirar pequenino e apressado do garoto. Depois, lentamente, como a descer os degráos de uma escada de algodão, foi elle se enfiando pelo somno a dentro, placidamente, até ficarem seus cabellos de ouro apenas agitados pela leve brisa que entrava pela janella e seu peitinho apenas arfando ao impulso dos seus tenros pulmões.

\+ + +

Fechados seus olhos para a vida, abriram se para a illusão feliz dos seus sonhos de criança.

E elle viu.

Ao seu lado, abanando-o com suas asas de sêda, o anjo da guarda. E ao fundo, do lado da janella, um rumor de passos mal abafados. Depois, aos passo que o anjo se erguia e se punha de atalaia, entrava, curvado sob o peso de um immenso sacco, a figura rosada e sympathica de Papae Noel.

— E's tu, Nicolau?

DIDI VIANA, UM PRESENTE BONITO DE PAPAE NOEL AO CINEMA DO BRASIL

Sim. Elle já dormiu?...

— Psiu!!! E's capaz de accordal-o e, depois... Adeus surpresa!

S. Nicolau approximou-se. Olhou-o, de alto a baixo. Depois, sorrindo sempre, afagou-lhe brandamente os cabellos anelados.

— Foi bomzinho, o anno todo, meu anjo?...

— Foi. Elle é genioso, você bem sabe disso, é cheio de impulso, mas tem um coração que é ouro puro. O que é que você lhe trouxe ...

S. Nicolau approximou-se mais do anjo. Depois tirando um pacote muito bem feito, de dentro do sacco que trazia, disse, apontando-o.

— Elle vae ficar surpreso. Mas é alguma cousa, creia, que lhe vae fazer muito bem...

Depois cochichou ao ouvido do anjo e, quando terminou, ambos riram. Novo silencio. Depois, apressado, sempre, S. Nicolau olhou as horas.

— Chi, meu anjo, ainda tenho tanto a fazer...

— Aonde vae agora?...

— Vou ao vizinho. Quer vir commigo?.... O pequeno está dormindo... Venha!

O anjo pensou. Depois, olhando o pequeno que dormia brandamente, somno solto, concordou; com um signal de cabeça e resolveu acompanhar S. Nicolau até ao vizinho. Voltaria logo.

Sahiram. O quarto voltou ao silencio. Minutos depois, abrindo apenas um olho, o garoto olhou tudo ali. Havia paz, socego e, com certeza, o anjo não voltaria tão cedo. Ardendo de curiosidade, fremente de nervos, saltou do leito, rapidamente e approximou-se do pacote que S. Nicolau deixára. Era grande. Pesava muito e parecia trazer cousa bôa...

Vagarosamente, com medo de ser surprehendido, abriu o embrulho. Depois, destampando a caixa, surprehendeu-se.

Eram diversos bonécos, todos alinhados em fila e vivos!!! Recuou. Eram vivos, sim! Mecheram-se, espreguiçaram-se assim que elle abrira a caixa... E ao lado d'elles, uma machina exquisita, com duas rodas fechadas em cima, uma manivella ao lado e uns canudos com vidro na ponta, bem em frente.

Não comprehendeu. Afastou-se, olhou aquillo com infinita curiosidade e depois, tomando-se de mais coragem, approximou-se novamente da caixa. Levou-a para mais longe do seu pequenino leito e tirou os bonécos, um a um, espalhando-os pelo chão. Uns ficaram em pé. Outros, mais preguiçosos, estiraram-se pelo tapete fôfo. A machina, pol-a em pé, sobre suas tres pernas.

Depois, poz-se a olhal-os, cada vez mais curioso, como se aquillo fosse a cousa mais interessante que já houvesse contemplado.

Apanhou um delles que lhe estava proximo. Era uma e não um. Trajava um vestido de velludo negro, muito bem feitinho, tinha os lindos braços nús e era uma perfeição. Seu rostinho, então, de olhos rasgados, labios sensuaes; era alguma cousa que deixava aquelle pequeno perplexo.

Você fala, fala?...

A bonequinha olhou-o. Depois, espreguiçando-se, ligeiramente, respondeu numa voz um pouco ciciada.

— Parece...

— E como é seu nome ...

— Lelita Rosa. Não sabia?...

Lelita Rosa?... Engraçado... E agora? Você vae ficar aqui commigo, vae brincar commigo?...

Mas não esperou a resposta. Havia outra, de vestidinho moderno, sorriso brejeiro, muito levada; que já lhe subia pelos braços e já lhe dava um beliscão na ponta do nariz.

(*Termina no fim do numero*)

No dia de dar graças a Deus

FAY WRAY
E
REGIS TOOMEY

Nesta semana sahirá "CINEARTE-ALBUM"...

Carol Lombard

Os seus olhos, Carol . . . A sua espiritualidade parece o aroma das flores . . .

Pensam mais num nebuloso **Galahad** do que num homem concreto, de carne e sangue. Anceiam, pedem uma cousa que perderam e nem sabem porque...

— Aqui estão algumas phrases de cartas que mulheres me escrevem: —

"Você, para mim, é o Principe Encantado de um lindo conto. Você é a corporificação de **Sir Galahad!**"

"Sabe, Ramon, o que seria para mim você tambem descer do seu pedestal de romance e sonho?..."

"Você é um jardineiro benefico: planta, nos corações dos moços e das moças, as flôres mais bonitas da illusão.

"Por favor! Não mate minhas illusões..."

"Tuas mãos... Que talento têm as tuas mãos! Esparzem, sempre, continuamente, sonhos e mais sonhos sobre meu cerebro cançado..."

"Voce tem sido a inspiração e a influencia da minha vida, das minhas amisades. Criou, para mim, uma illusão melhor da vida".

"Nunca pensei que ainda existisse um Principe. Você o é!"

"Quero ser catholica, da sua religião. Pareceme que é ella que inspira e traz Romance á vida..."

"A sua maneira de amar é differente. Você não ama, você inspira!"

São cartas que mulheres escrevem a Ramon Novarro. As mulheres que lhe escrevem, continuamente, falam-lhe em **Galahad**, pedestaes, jardins, belleza, illusão, fome de sonho, musica, religião, amor, cousas, em summa, que não existem nos dias presentes, dias de machinas e ruidos, gritos e berros.

Ellas, nota-se, sentem-se com fome e com sêde. Fome de Romance. Sêde de illusão...

Estas são mulheres que comprehendem, intimamente, que mais vale o pão-Romance do que o pão-materia...

Pedem, supplicam, querem, ardentemente desejam esse Romance perdido que o seculo presente não mais respeita.

As mulheres escrevem-lhe sobre a alma. A vida da alma! Não falam no seu rosto bonito e nem no seu physico de Apollo.

As mulheres lhe escrevem descrevendo o verdadeiro amor, não como o encontraram, mas como o sonharam, sempre. E desejam, todas, que elle tambem encontre, aqui ou ali, algum dia, quando Deus o queira, esse amor, tambem, que o faça para sempre muito feliz.

As mulheres rezam para Ramon. Rezam e pedem para que elle sempre encontre paz, felicidade, contentamento, pela longa estrada da vida afóra.

Quando seu irmão morreu, algumas lhe escreveram cartas, que eram verdadeiros poemas de consolação e ternura.

Mulheres abandonadas, tristes, escrevem a Ramon. Do mundo todo, de todo recanto. Pedem, supplicam illusão, alguma cousa que as faça idealisar... Mas o que mais pedem, é que elle não desça do seu pedestal de romantismo e desça á vulgaridade do igual, do terreno. Dizem-lhe, tambem, que se

O que elle pensa das MULHERES

Ramon Novarro acha que todas querem Romance...

— Romance... E' tudo quanto empolga a mulher. Mesmo sem o sentir, ella traz romance no mais simples dos sorrisos.

— A's vezes, as mulheres insistem em serem "iguaes" aos homens. E' amarga a experiencia que estas trazem...

— Outras, quizeram entrar por todos os terrenos, com os mesmos direitos: trabalho, pensamentos, phrases, profissões...

— Ainda aquellas, preferiram a camaradagem ao cavalherismo. E agora... não se podem queixar.

— A mulher sempre teve mysterio. Este mysterio, sempre foi o seu melhor sabôr. Com suas proprias mãos, as mulheres modernas rasgamram as novellas que eram suas existencias veladas de um desconhecido delicioso...

— Despiram, para vestir a capa do modernismo, o manto illuminado da phantasia da illusão...

— A mulher moderna atirou ao tumulo, apunhalado, o fragil e inspirado Romance. Agora vivem a chorar sobre esse tumulo...

— Isto que digo, colho das cartas que recebo. Desta ou daquella maneira, é pelo diapazão que afinam as idéas de todas ellas.

— Ditas desta ou daquella maneira, tudo o que as mulheres querem saber de mim, quando me escrevem, é uma mesma cousa: encontrar, mesmo com sacrificio, não aquillo que perderam, mas aquillo que jogaram inultimente fóra...

— Mataram o romance. Vestiram a couraça fragil do realismo, do modernismo. Agora, anciosas, sequiosas por um pouco daquillo que despresaram, escrevem para saber como é que se consegue de novo...

— Geralmente, é quasi regra, as mulheres choram por aquillo que ellas proprias destruhiram. E quasi sempre, tambem, não parecem saber que foram ellas proprias que o fizeram... Sabem, apenas, que seus dias não têm mais aquelle perfume de suave encantamento que tinham outrófa. Comprehendem, agora, que gestos viris, na arena, jámais podem substituir as mysticas e romanticas adorações nos pedestaes...

— No meu Paiz — quando eu ainda estava lá — se minha namorada me dava, a caminho da Igreja, aos domingos, um simples olhar e um pequenino e delicioso sorriso, eu me sentia no Paraiso. Aquillo, para mim, era o sufficiente para uma hora, para um dia, para uma semana de sonho. Não queria mais nada. Aqui, nos dias presentes, é o chá, o jantar, a ceia... Dizem agora os namorados; "Aonde é que tu vaes? Vamos juntos, queres?". Isto, no primeiro encontro. Depois, nas praias, nos theatros, no trabalho, de dia ou de noite, encontram-se, falam, conversam, dizem tudo que têm a dizer, com liberdade de linguagem, matam, pobres infelizes, a menor nesguinha de illusão, o mais simples perfume de Romance... E' preciso sonhar para viver.

— Isto é triste. Triste para os homens e para as mulheres. As mulheres que assim agem, roubando-se a si proprias em illusão, tiram aos homens, cruelmente, o direito sem preço de adorar, de romantizar.

— No meu Paiz, se um homem segurar a mão de uma pequena, mal sendo seu namorado, toma uma bofetada, na certa. Aqui, nos nossos dias, a saudação de encontro, de uma pequena com um rapaz, é uma tapona nas costas, dura e camarada como se fosse de homem para homem...

— Isto seria direito, certo, com certeza, se houvesse compensação. Isto é: se as mulheres se sentissem felizes, assim e os homens tambem. Mas é isto que não se dá. As mulheres não são felizes, assim. Ellas andam sequiosas atraz do Romance que anniquilaram quando vestiram o traje da profissão masculina que envergam ou das attitudes masculinas que tomam...

— As cartas de mulheres que recebo, não são sensuaes, morbidas nem impregnadas de qualquer lascivia. Nunca me escrevem, tambem, sobre casamento, divorcio, dinheiro ou empregos e carreiras. Nada desmoderno ou tangivel! Escrevem-me sobre a necessidade que sentem de **idealisar** alguma cousa.

elle tambem tiver pés de barro, como idolo dellas, que é, então que de nada mais lhe valerá o mundo.

Dobradas, vencidas, torturadas, espezinhadas pela vida, pelos homens, pelo destino, ellas erguem, numa ancia maluca e num supremo desespero, as mãos ás alturas, num gesto de supplica, a pedir alguma cousa de mais sublime, de menos terreno, que lhes dobrem os joelhos e que as façam ficar horas e horas numa adoração mystica por uma cousa insubstancial que talvez nem conheçam... Romance...

Mulheres casadas não escrevem a Ramon.

Mulheres nunca lhe escrevem sobre casamento, divorcio ou complicações semelhantes.

Mulheres solteiras escrevem-lhe. Offerecem-lhe os corações para que elle os assopre com um pouco do opio da phantasia...

Mulheres angustiadas, escrevem-lhe, tambem. Falam-lhe de musica. Acham-no um musico admiravel, uma voz de doce inspiração. E pedem-lhe, ardentes, que lhes deixe, do seu banquete de sonhos, as migalhas de illusão...

Mulheres que trabalham, sozinhas, luctando pela vida, escrevem-lhe. Dizem-lhe, ardorosas, o que significa, para ellas, a maneira delle trabalhar. Num Studio, num drama poetico, com musica. Depois, nas horas de descanço, o lar: balsamico, suave, cheio de encantos.

Mulheres que trabalham, sózinhas, luctando pepara um convento. Pedem-lhe que fique no mundo. Que não lhes prive do romance dos seus films e das orações de fé que são a illusão que elle tão prodigamente esparze sobre todas ellas

(Termina no fim do numero)

Vae, sim. E CINEARTE patrocina a sua ida e recommenda-o a Hollywood. Seu cartão de apresentação é simples: Brasileiro, fala hespanhol e inglez, tem photogenia e physico cinematographicos, voz não lhe falta, trabalhou em theatro, do mais simples ao mais complicado e sabe representar. Só.

Mas não é, aqui para nós, o sufficiente para ser um pouco mais do que os José Bohr, José Crespo, Ramon Pereda e tantos outros que, apesar de tudo, estão fazendo successo?...

Nós não costumavamos, nunca, olhar com fé estas esperanças e essas iniciativas. A de Roulien, no emtanto, tem motivos para merecer fé e, além disso, a melhor apresentação que leva, é essa; pouca pretenção e muita vontade de vencer. Isto e a sua mocidade corajosa, muito poderão fazer para que alcance o successo final.

No theatro, Roulien sempre procurou uma forma differente, sempre moderna. Suas peças eram *films scenicos*. Seus *skotchs*, antes de ser do theatro de comedia, eram cinematographicos, rapidos, tinham detalhes e até symbolos... Os seus tangos eram cantados com uma montagem adequada, propria e traziam um raro interesse. Os sainetes que representou, todos elles, eram o traço caracteristico da sua intuição cinematographica e do seu espirito moderno. *O Irrisistivel Roberto* era uma peça que tinha até o beijo grande, immenso, bem amoroso dos films de todos os dias. As reclames do seu *Garçon*, lembravam, nas phrases rapidas, o film de Menjou, *O Criado e a Duqueza,* para com o nome do film, auxiliar o successo da peça. Roulien foi sempre assim.

Um dia, Roulien tirou um "test". Curiosidade e principio de esperanças na victoria neste genero que tanto o seduziu, sempre. Mas não tirou um "test" como um galã — emprezario, convencido do seu conhecimento no assumpto e deixando pose, não. Disse, simplesmente, a Paulo Morano que se offereceu para auxiliar sua maquillage: "eu não entendo disso. Você me quer ensinar?". Phrase assim, num primeiro artista de theatro, emprezario de companhia, figura de prôa da scena Brasileira, não podia deixar de ser a synthese do seu programma: simplicidade. Sobre technica de Cinema, sempre teve asseverações semelhantes e quanto aos films Brasileiros, sempre se mostrou optimista e nunca perdeu um delles. Quando assistiu *Labios sem Beijos,* artista de theatro, como é, não descobriu erros de *representação* e nem descortinou assumptos de contra regra. Não. Apreciou como Cinema e deu valor. Roulien tem uma grande qualidade para o Cinema: gosta de Cinema.

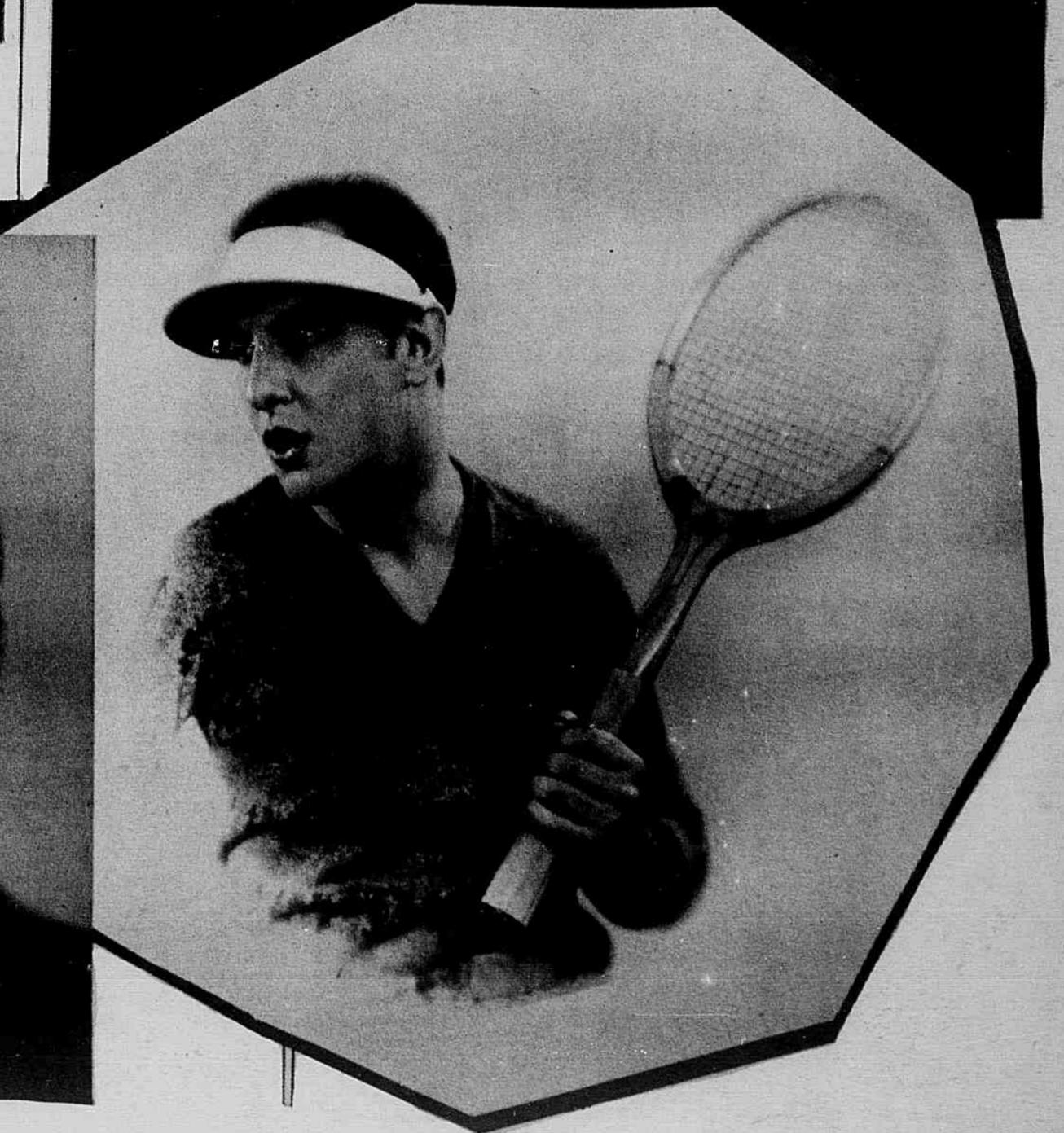
Com as idéas originaes que tem, com a voz que possue e todos conhecem, com a sua apparencia photogenica, poderá vencer. Hollywood sabe dar valor aos que o têm e cremos não errar dizendo que Roulien o tem. Mas a sua condicção para ficar, é uma: um bom contracto. Não um contracto de muito milhões, não, porque elle não é pretencioso, repetimos. Um contracto bom e que lhe dê margem para successos. Em caso contrario será uma viagem de descanço e estudo. Voltará e, aqui mesmo, realizará o seu ideal.

ROULIEN VAE A HO[LLYWOOD]

Fará films para a *Cinédia,* falados, tambem.

Nestas linhas que traçamos em homenagem á sua aventura de Brasileiro moço e corajoso, não queremos fixar mais do que isto: Roulien não vae *descobrir* Hollywood. Roulien vae *tentar* Hollywood. Tanto conta com o successo, como com o fracasso. Não vae para entrar para a fileira de *extras* e nem para ganhar 2 dollares por dia. Tampouco, como excursionista e como curioso, para ver e observar. Vae tentar vencer. E isto é cousa que só mesmo sua *estrella* poderá dizer se sim ou não. O que lhe desejamos, sinceramente, é uma victoria merecida. E nada mais resta do que esperar o futuro.

E' provavel que Roulien face alguma surpresa e CINEARTE será o primeiro a dizer. Só mesmo se um grande contracto o prender, porque Roulien já vae com a idéa de voltar e esta viagem é apenas um passeio para dar tempo a Cinédia de se preparar.

LLYWOOD

Bruxas e aboboras

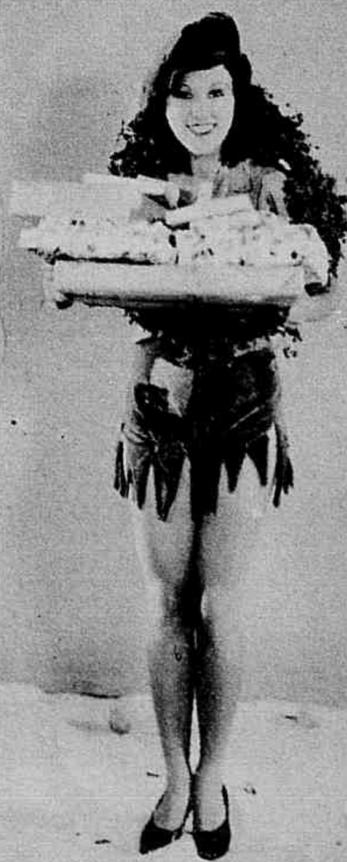
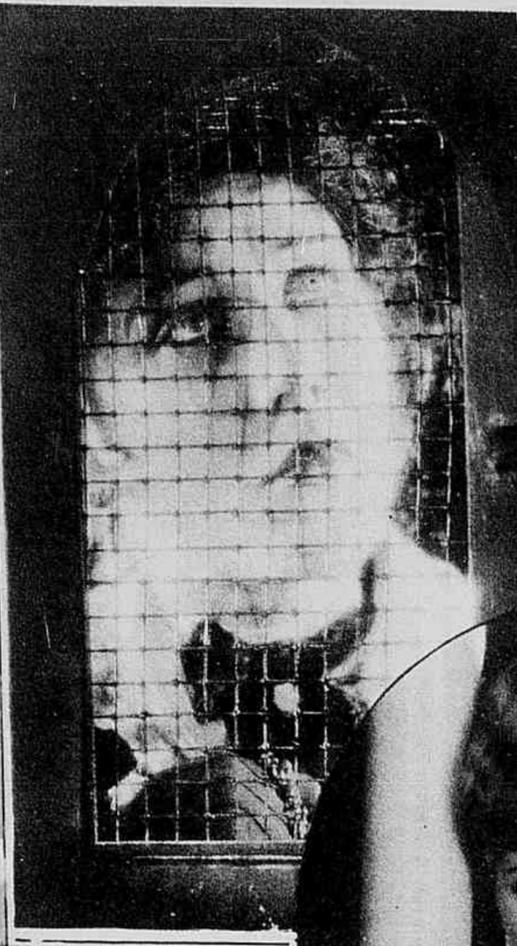
Leila Hyams

Julia Fay e Anita Page

GWEN LEE

Barbara Kent

Dorothy Revier

Prefiro as amendoas
dos seus olhos,
Lillian Roth...

Figuras e scenas de films religiosos

Cinema e

Falando a uma das revistas americanas de Cinema, o Rev. Dr. Percy Stickney Grant teve as seguintes palavras sobre este thema acima.

— Se Christo fosse ao Cinema, elle approvaria. Elle disse: "Vinde a mim os que trabalham sem descanso e eu lhe darei o lenitivo". Poderia, assim, condemnar Jesus uma arte que se fez á custa de tantos trabalhos e que, afinal, na sua maioria é toda ella dedicada ao fim decente de divertir o publico, com assumptos quasi sempre sãos e honestos?

— Perguntariam, outros, talvez, se apreciaria Jesus ver tantas das suas Igrejas, construidas pelo Paiz afóra, fechadas pela maior parte do dia, quando foram feitas unica e exclusivamente para o seu culto e eu vos digo que elle exclamaria ao perceber que isto se dava: "Abri as portas dos meus templos e deixae o meu povo entrar."

— Christo, na minha opinião, aprova tudo que traz felicidade. Qualquer cousa, portanto, que possa elevar os sentimentos do seu povo, deve, naturalmente, ser-lhe grata. O Cinema, depois de um dia de intenso trabalho, é um grande refrigerante para o cerebro.

— As nossas Igrejas, presentemente, são excellentes auditoriums. A maioria dellas, munidas de esplendidos orgãos e organistas eximios, offerecem verdadeiras paginas de bellissima musica aos que as frequentam. O Cinema, na minha opinião, quando feito sob auspicios honestos e decentes, une, em si, divertimento, instrucção e diversão. A educação *vizual* é de extremo valor. Estabelece, além disso, a elasticidade da imaginação. As fitas nos põem em contacto com scenas novas e nos dão idéas novas, tambem e, ainda, nos põem mais em contacto com costumes, maneiras e personalidades para nós até então desconhecidas.

— Meu amigo Cleveland Moffet, autor dos mais brilhantes, suggeriu, ha annos, que as Igrejas se munissem, todas, de apparelhos de projecção Cinematographica. Subscreveram-se diversas importancias para ser levado avante este plano e com a philantropica devoção dos productores, exhibiam-se, nellas, com fins educativos e de diversão, tambem, programmas com fitas cuidadosamente escolhidas.

— Até agora, no emtanto, ferem-se as opiniões sobre este ponto de serem as Igrejas utilizadas para este fins. Isto é. Cousas alheias aos seus fins: serviços religiosos. Mas quando digo Igrejas, refiro-me, é logico, a salas internas, afastadas da nave central das mesmas, é logico. Muitos são de opinião, por exemplo, que as Igrejas só podem ser utilizadas para serviços solemnes e que o seu destino é sacrosantissimo e intangivel. Isto, no emtanto, fecha ás bolsas dos simples, um gasto de mais de tres bilhões de dollares annuaes, cada tres ou quatro semanaes que não sejam utilizadas, nas Igrejas, para este fim. Isto, vindo de mim, uma figura de sacerdote, pode parecer estranho. No emtanto, defendo a minha these com um ponto de vista unico: a felicidade geral do publico pela felicidade de espirito que lhe proporciona uma hora de diversão sadia. E o Cinema, além disso, traz, acima de tudo, quando feito com intuitos de educação da humanidade, é um dos melhores meios que conheço para a melhoria da especie humana. Podem me chamar, se quizerem, de *revolucionarios* e outras cousas que já têm dito, justamente porque defende estes sãos principios e, francamente, o que outros pensam e não ousam dizer

— Em materia de jornaes com novidades internacionaes, então, o Cinema é uma dessas cousas formidaveis que conheço. O Cinema, em imagens, apresenta aquillo que lemos, diariamente, nos jornaes. Com uma vantagem: nem focaliza accidentes e nem suicidios e nem tragedias passionaes, fontes immoralissimas que todos têm abertas diante dos olhos, diariamente, com a leitura consecutiva de jornaes que *não são prohibidos*...

— Ha, entre o decoro e a admiração pelas formas humanas, uma linha muito difficil. Um certo magazine de cultura physica, para provar ao publico a belleza da exposição do nu, sem immoralidade, encontrou as maiores e mais terriveis difficuldades. Eu acho, por exemplo, que a exhibição de formas verdadeiramente athleticas, modelos, mesmo, não têm a menor importancia e, ao contrario, serão modelos para a formação de outros tantos, baseados na mesmissima perfeição do modelo. Não pode haver, por exemplo, nenhuma demonstração de sensualismo ou de cupidez, pela exhibição das formas de uma creatura perfeita como Annette Kellermann, por exemplo. Ellas nada mais são do que a gloria e a belleza da perfeição physica, na sua maior expressão e isto, justamente numa epoca em que os seres humanos se batem pela formosura e aperfeiçoamento da raça. Não pode haver, na contemplação desse corpo, a menor luz de emoção sexual. O Cinema de igual maneira, comparando, é um corpo perfeito, athletico, mostravel, quando não envereda pelos tortuosos caminhos da immoralidade. Bem censuradas, as fitas são lições admiraveis de moral e preventivos seguros contra o mal.

— Existem milhares de pessoas que vêm a New York á procura de prazer. Pode ser que escolham um theatro da Broadway, um espectaculo popular, em summa. Assumpto soffrivel, musica saltitante e moças bonitas e pouco vestidas. Não existe uma só parte de cultura e nem um só ideal em jogo. Georg Brandes disse que William August Slaegel, traductor de Shakespeare, havia transformado o grande dramaturgo em parte integrante da cultura allemã... Os allemães, na verdade, elevaram Shakespeare a maiores alturas do que seus proprios concidadãos. Não é o theatro e sim a parte dramatica dos seus espectaculos que occupa grande porção do ponto de vista da educação das massas. O Cinema, sob este ponto de vista, então, é admiravel. Nada mais fixavel para a memoria do que uma photographia bem apanhada. E, por isso mesmo, photographicamente, o Cinema vae instruindo e vae espalhando o bem pelo mundo todo.

— Havia, numa Igreja de Boston, que eu costumava frequentar em creança, um eloquente orador, o Rev. Wayland Hoyt. Elle empregava, no emtanto, os methodos mais antigos da oratoria. Confesso, contrito, se isto porventura é culpa, que o unico sermão que serviu, porque foi o unico que se fixou na minha memoria, foi aquelle em que elle descreveu a visita que fez á cathedral de Sa-

lisbury. Cousas escriptas e palavras ditas, podem, facilmente, ser substituidas pelo Cinema. O Cinema, aliás, já as supplantou ha muito! A memoria fixa e recorda com muito mais ligeireza e com muito mais carinho alguma cousa que viu e impressionou, particularmente. A educação pelos methodos visuaes, assim, é materia de importancia capital.

— Nos tratados de Freud sobre analyse psychoanalytica da psychologia, ha muita coisa que fere a religião e os costumes sociaes. Muitas são as pessoas que se devotam ao sonho intimo, diario e constante. O covarde, por exemplo, imagina-se, sempre, heroe formidavel de façanhas mil. A empregadinha de balcão, uma dama de sociedade, estupendamente vestida. São estes os themas dos diversos *sonhos* de hoje em dia e de sempre, aliás. As idéas, assim, affluem ao cerebro aos montões, sem regras e sem boas maneiras. O povo não se limita a sonhar, mas vive sonhando.

— As fitas, por isso mesmo, são aquillo mesmo que as pessoas querem. Antes de mais nada, possuem a dóse necessaria de drama requerido, quer seja historia social ou fita educativa. E o Cinema, assim, afasta da imaginação os sonhos ficticios e, em seu logar, colloca a verdadeira ordem dos factos. Os sonhos, assim, não vêm aos cerebros em montões e, sim, regrados e dosados. São as fitas, portanto, tonicos reguladores e aclaradores da imaginação. O Cinema é um sonho de celluloide que corporifica os sonhos dos nossos cerebros.

— O problema da nossa mocidade é este: se os rapazes e as moças não ficam em casa, á noite, com o que devem occupar seu tempo? A rua? Salões de dansa? E se ficarem em casa, o que acontece-

Religião

rá? E' por isso que sempre aconselho aos paes organizarem seus programmas, escolhidos e levarem seus filhos ao Cinema. Lá, ao menos, distrahindo os cerebros, não estão as creanças e os moços pensando em cousas que os arrastarão aos mais rudimentares peccados, é logico. O Cinema, além disso, é como que uma luz nos cerebros dos nossos moços. Nós não os podemos privar disso, é evidente!

— Disse-me, um amigo meu, que não assistiu, até hoje, a um só espectaculo theatral que fosse digno da metade do dinheiro que elle gastou na entrada mais barata. Além disso, os theatros cobram, geralmente, preços mais caros do que os Cinemas e como sempre exhibem cousas bastante inferiores, por que razão deverá o publico preferir o theatro?...

— Christo ensinou seus discipulos com *imagens*. Parabolas, como lhes chamamos. Elle empregava, sempre, no que dizia, essa forma admiravel de explicar uma cousa: procurando um symbolo humano para corporificar a sua idéa. O que é a parabola do filho prodigo, por exemplo, senão uma reunião de *imagens* admiraveis, concatenadas, todas, com uma serie de symbolos notaveis? Devemos tomar Christo, como uma personalidade ideal, cheia de força, cheia de vitalidade. Christo caminhou entre os homens do seu tempo. Viveu a vida commum do seu povo. Comeu na casa do phariseu. Participou do casamento de Cana, da Galiléa. Trabalhou entre o povo e ensinou esse mesmo povo.

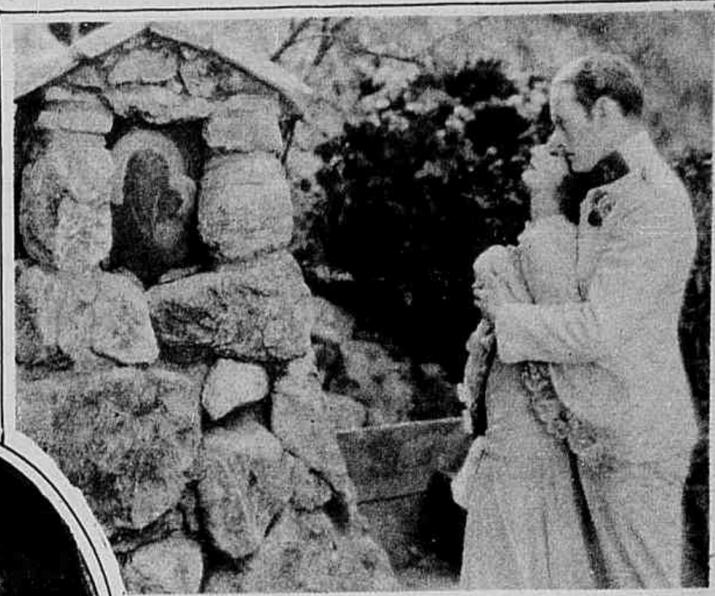
Poderia elle, portanto, se descesse hoje sobre o mundo, condemnar este systema quasi perfeito de educação? Tenho certeza de que se Christo fosse ao Cinema, elle diria:

— "Deixae o povo apreciar esta cousa. E que minhas Igrejas a appliquem, igualmente. Abençoados aquelles que fazem o bem ao espirito alheio, com um methodo tão simples e tão interessante".

As figuras e as scenas são bem conhecidas.

— Deve-se no emtanto comprehender, claramente, que quando falo do Cinema, elogiando-o, refiro-me apenas ás fitas puras de sensualismo e de duplas intenções. Falo das cousas para o espirito e não para a materia.

— o —

Marcel Pagnol, autor de "Marius", escreverá o 'scenario" e os dialogos da nova producção de Ernst Lubitsch com Maurice Chevalier, a qual será filmada em Joinville.

Jean Tarride contractou Marie Bell para desempenhar o papel de Lady Falkland em "L'Homme qui assassina".

Danielle Parola será a estrella de "Amours de minuit", a nova producção de A. Genina.

Albert Dieudonné, um dos melhores interpretes de Napoleão que o Cinema até hoje conheceu, acabou de escrever um romance — *Le Colonel Shaw*.

O "Olympia", de Paris, vae apresentar ao publico, proximamente, experiencias convincentes da televisão.

Inspiration, da M. G. M., tem Greta Garbo no principal papel e Robert Montgomery como galã. A direcção é de Clarence Brown.

Reducing, da M. G. M., tem Marie Dressler e Polly Moran nos principaes papeis e Anita Page no elenco, igualmente. Charles Reisner é o director.

The Secret Six, da M. G. M., dirigido por George Hill, tem Wallace Beery e Marjorie Rambeau nos primeiros papeis.

Anita Page já é um presente de Natal...

Que ha com Clara Bow?

Bruxinha Bow

Na noite de 24 de Dezembro, quando Papae Noel descer pelas chaminés para pôr presentes grandes e presentes pequenos nos sapatinhos e sapatões de Hollywood, o que porá elle no sapatinho de Clara Bow?...

Ha muitos annos, Papae Noel vem fazendo a mesma cousa. Beliscando a curiosidade das crianças. Destruindo a illusão dos mais crescidos. Sendo uma figura de amargura para aquelles que não crêem mais...

E Clara Bow, não crê mais... Crer em que?... Ella já foi um presentinho de Natal. Foi, sim! Gordinho, bonitinho e gostozinho... Todos queriam Clara Bow. Ella era um só. Como havia de repartil-a Papae Noel entre tantos?...

Uns, queriam seu sorriso cheio de dentes de neve. Outros, seus olhos semicerrados, promessas e mais promessas... Aquelles, ella todinha!... Estes, apenas um seu retrato...

Depois... Gary Cooper, Gilbert Roland, Victor Fleming, Harry Richman e agora, este medico, destruiram tudo isto. Tudo!

As revistas, já acham que Clara Bow está engordando, está ficando feia e, mesmo, que Alice White já ganhou o campeonato de melindrosas de 1930...

Será?... Você concorda, Clara Bow?... Acha que é verdade? Mas você não conta p'ra mim, menina, a quem é que você quer bem?... Você tem soffrido muito, não é? Que espera você para esta noite de Natal?...

Eu sei. Papae Noel ás vezes é bom. A's vezes é mau. O pobrezinho acha que Papae Noel é muito avarento, traz tão pouco... O rico acha que elle é bom! Para você, este anno, elle reserva um presente. Prepare seu sapatinho. Lá elle vae pôr um grande, muito grande, um immenso ponto de interrogação...

E' por isto que muitos perguntam: Que ha com Clara Bow?...

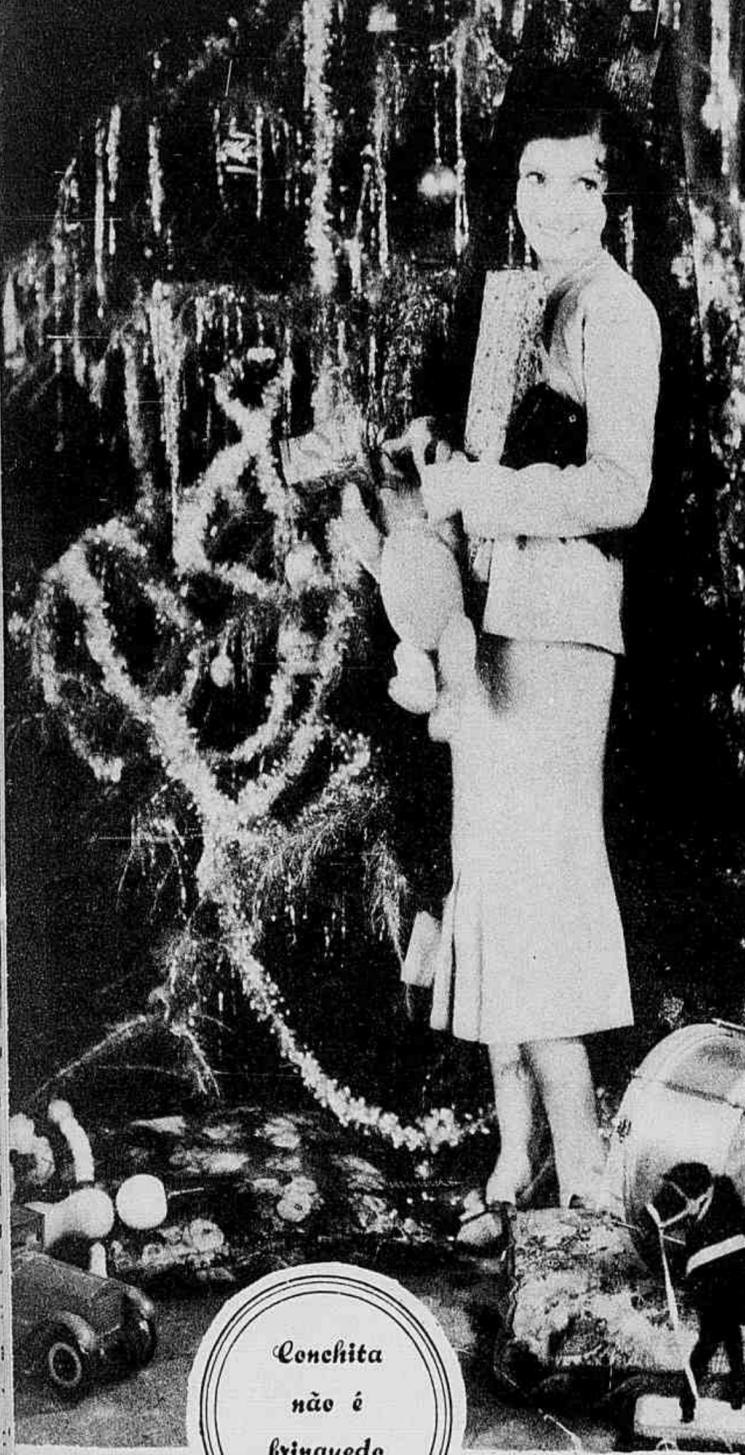
Ha uma pergunta que todo "fan" faz a si proprio. O que irá acontecer a Clara Bow?...

Esta pergunta, além disso, não é um thema academico que se discuta durante um jantar ou um almoço ou, mesmo, entre um café ou um chá. E' um assumpto palpitante e interessantissimo.

Pergunta-se isto, agora, porque, ultimamente, Clara Bow tem figurado em uma serie de acontecimentos e tem sido a heroina de um determinado numero de casos que nem sempre abonam a sua fama e a sua conducta. No emtanto, analysando friamente a questão, vê-se que ella nada tem de culpada nesse caso. O que tem havido é uma publicidade exaggerada em torno de uma futilidade ou outra e, assim, pequeninos casos isolados que passaram a ser vultosos acontecimentos, só porque Clara Bow figurava nelles.

Disseram, mesmo, que ella não regressaria ao seu "lot" para completar o seu periclitante contracto com a Paramount. No emtanto, ha dias, tudo isso se desfez e ella entrou no "set", pacatamente, com a sua parte de dialogos debaixo do braço e disposta como sempre a interpretar mais um dos papeis nem sempre interessantes que ultimamente lhe têm dado em abundancia.

O que se passou com Clara Bow, afinal, pode-se explicar facilmente. A primeira scena que temos a considerar, nesse caso, é o ex-caso com Harry Richman. A publicidade tornou um simples "flirt" em noivado, quando, na realidade, Clara Bow nem sequer pensou um só segundo em se unir por casamento áquelle terrivel cavalheiro cantor. Mas os boatos cessaram e, afinal, o noivado todo não passou de um ligeiro murmurio sem consequencias maiores, Além disso, ella ia emmagrecendo na medida do necessario e

(Termina no fim do numero).

Conchita não é brinquedo
Conchita Montenegro
Ernest Vilches e José Crespo
Feliz Natal, Conchita!

JOAN CRAV
CIN

RAMON NOVARRO
CINEARTE

RAQUEL TORRES
CINEARTE

Harriet Lake
CINEARTE

Onde vamos passar o Natal?

Jeanette Loff gostaria de passar o Natal na Dinamarca...

José Crespo sonha com o Natal de Marcia, Hespanha

Barbara Kent tambem...

Clara Bow gostaria de ir á Suissa

O Natal, apesar de tudo, continua sendo o sonho de muita "estrella"... Todos elles, naquelle dia, tambem fazem festas, tambem esperam Papae Noel, tambem acreditam no que as creanças crêm...

Mas aonde gostariam as "estrellas" de passar o Natal?...

Ronald Colman, por exemplo, gostaria de estar com Burd, no Polo Sul, quando elle lá passou o Natal passado. Acha que seria uma aventura immensa e uma curiosidade, afinal, esperar Papae Noel em logar tão gelado...

John Boles, eterno amante da bôa musica, apreciaria encontrar-se em Roma, na noite de Natal, para ouvir, em extase, na Cathedral de S. Pedro, os afinadissimos córos cantando o "Adeste Fidelis".

— Que cousa louca! Que maravilha!

Disse elle e ainda ficou pensando naquillo que dizia.

— Quando eu estava estudando canto, na Italia, eu gostava de passar, sempre que podia, horas e mais horas na Cathedral de S. Pedro, apenas passeando sobre seu lagedo. Não eram as obras de arte, propriamente, que me deixavam encantados. Era a atmosphera daquelle logar. No Natal, então, aquella atmosphera toma um caracter que é simplesmente primoroso, formidavel! Posso fechar os olhos, neste instante, mesmo e verei e ouvirei, claramente, os córos da cathedral, os meninos, as velas do altar, e, por sobre tudo isso, a majestosidade impressionante da musica. Era assim que eu queria passar esse grande dia.

Clara Bow, Barbara Kent e Irene Delroy, tres figurinhas admiraveis do Cinema, pendem por St. Moritz, na Suissa. Neve, patinações, e, depois, no calor delicioso de uma lareira, os presentes vindos de longe, embrulhadinhos, como se fossem lembranças da infancia passada, grata e querida.

Mary Brian opina para o Alaska. Acha ella, enthusiasmada, que será um Natal differente, perto de gente totalmente estranha e exquisita e que isso só já é uma compensação. Que nem presentes são necessarios...

Charles Bickford, que tem um pequeno navio veleiro, opina pelo Natal em alto mar. Completa solidão em redor de tudo e, lá dentro, uma simples arvorezinha de Natal e uma suprema delicia naquelle ambiente todo de paz e socego.

Richard Arlen, que tambem possue um pequeno "yacht", ambiciona levar sua esposa, Jobyna Ralston e seu amigo Walter Huston para o sul da California, em viagem de recreio e lá, nos mares do Sul passar, sob a calma de uma noite estrellada e meiga, a noite mais linda do anno, a noite de Natal.

Louise Fazenda e seu marido, Hal Willis, opinam pelo Natal simples. O lar que mantêm, na praia, e, dentro delle, o Natal simples. A arvore, os presentes, poucos amigos e uma cordialidade confortavel dentro de todos os corações ali reunidos O ideal, para ella.

Os Gleason, Jimy, Russel e Lucille, ambicionam um Natal commum, sem novidades, dentro da placidez do lar e, se possivel, apenas elles tres, a recordar annos passados e, naturalmente, a infancia querida do Russell que ambos os velhos adoram.

Anna Harding, falando da noite de Natal, diz que ella, este anno, vae passar a sua noite de Natal mais feliz.

— Serei convencional, talvez, mas que fazer? Foi o sonho de toda minha vida... Filha de um official do exercito, eu sempre mudei de localidade e nunca cheguei ter uma pela qual me afeiçoasse. Como artista, depois, mudava de cidade para cidade e jamais sentia, em uma dellas, o conforto de alguma cousa minha. Nem siquer um lar! Hoteis e mais hoteis, apenas. Eu e meu marido, Harry Bannister, vamos passar, afinal, o nosso melhor Natal. Já passei, longe delle, muitos Nataes. Eu numa cidade do sul e elle numa do norte. Ou, como o anno passado, elle na Broadway e eu aqui... E' o meu primeiro Natal, este, que posso disfrutar uma real felicidade: meu lar, meu marido, Jane, minha filhinha e, emfim, todas aquellas emoções. O Papae Noel Bannister, a admiração respeitosa de Jane e, depois, os seus gritinhos de contentamento, com os presentes, cousas que eu jamais passei e que tanto admirava nos outros. Finalmente vou ter o meu, tambem...

Fred Scott, amante da musica, diz que passará a noite de Natal na igrejeinha da esquina, cantando "O Messias", sua musica sacra predilecta e animando as festas com o calor e o enthusismo da sua excellente voz. E' assim que elle admira o Natal.

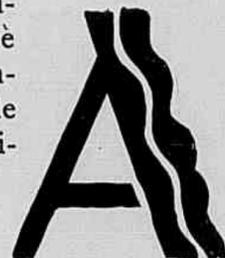
Richard Dix, Eddie Quillan, Helen Twelvetrees, Irene Rich e Annita Page, acostumadas aos Nataes cheios de neve do norte dos Estados Unidos, não se conformam com a falta desse "material" nessa noite que só é concebivel, para elles, com a neve a circumdar tudo. Era apenas com neve e com lareiras gostosas que elles queriam passar o Natal.

(Termina no fim do numero)

A velha Russia no entardecer da sua velha gloria... Os exercitos imperiaes soffrendo derrotas fragorosas; inimigo avançando e no coração da patria brotando as primeiras sementes da revolta!... A fome, com o seu cortejo de miserias, invadindo os lares. O povo sentindo, mais e mais a oppressão odienta do czarismo. Um horror...

Foi nesse ambiente, foi nesse duro transe que começaram a derramar-se na concha dos ouvidos patriotas os rythmos enthusiasticos de uma canção guerreira que era bem um brado de revolta, um grito de indignação contra o despotismo da nobreza que, de desgraça em desgraça, levara o paiz á ruina maior... Mas comprehendendo o espirito dessa canção e avaliando o grande perigo que elle representava para a vacillante situação do czarismo — os cossacos, incumbidos da vigilancia, não deixavam que ninguem a entôasse, não poupando ainda esforços para capturar a camponeza humilde que a compuzera, uma linda rapariga do sul, de nome ANIUTA, mas conhecida em toda a Russia pelo appellido de "FLAMMA". Rolam os dias e com elles mais e mais se aggrava a situação interna da Russia. Vencidos, os exercitos imperiaes batem em retirada emquanto a revolução que vivia nos desejos de todos — explode, victoriosa, de um dia para outro!...

—oOo—

Agora vive-se o desespero, a inquietude, a agitação de dias tremendos. Tombando a nobreza o povo, embriagado de emoção, começa a sua obra nefanda de destruição, de vingança e de morte. E o espectro apavorante do communismo que domina, que empolga. De um momento para outro, os nobres que não morreram, á violencia dos dominadores de agora, foram encarcerados. De um momento para outro improvisaram-se fortunas e dominadores. Entre estes o que mais força revelava, chegando mesmo á honra maxima de ser proclamado o grande commissario do povo — era KONSTANTIN, dias antes ainda um desclassificado, sem credenciaes e sem fortuna. Agora era o grão senhor. Agora era o dono daquelle paiz gigantesco, colossal e de sua palavra dependia a vida de todos... E — curiosissimo — em todo o chaos tremendo, a provocadora de tudo, a força que animara a grande tempestade de almas continuava obscura, sem ter ganho um premio sequer pelo seu triumpho — pelo triumpho da sua canção que fôra desvirtuada, a mola magica que mais concorrera para a quéda do czarismo!...

À

(Song of the Flame)

—oOo—

ANIUTA, com o idealismo do seu patriotismo, com a sua visão honesta e clara das cousas comprehendeu que o espirito da sua canção fôra disvirtuado

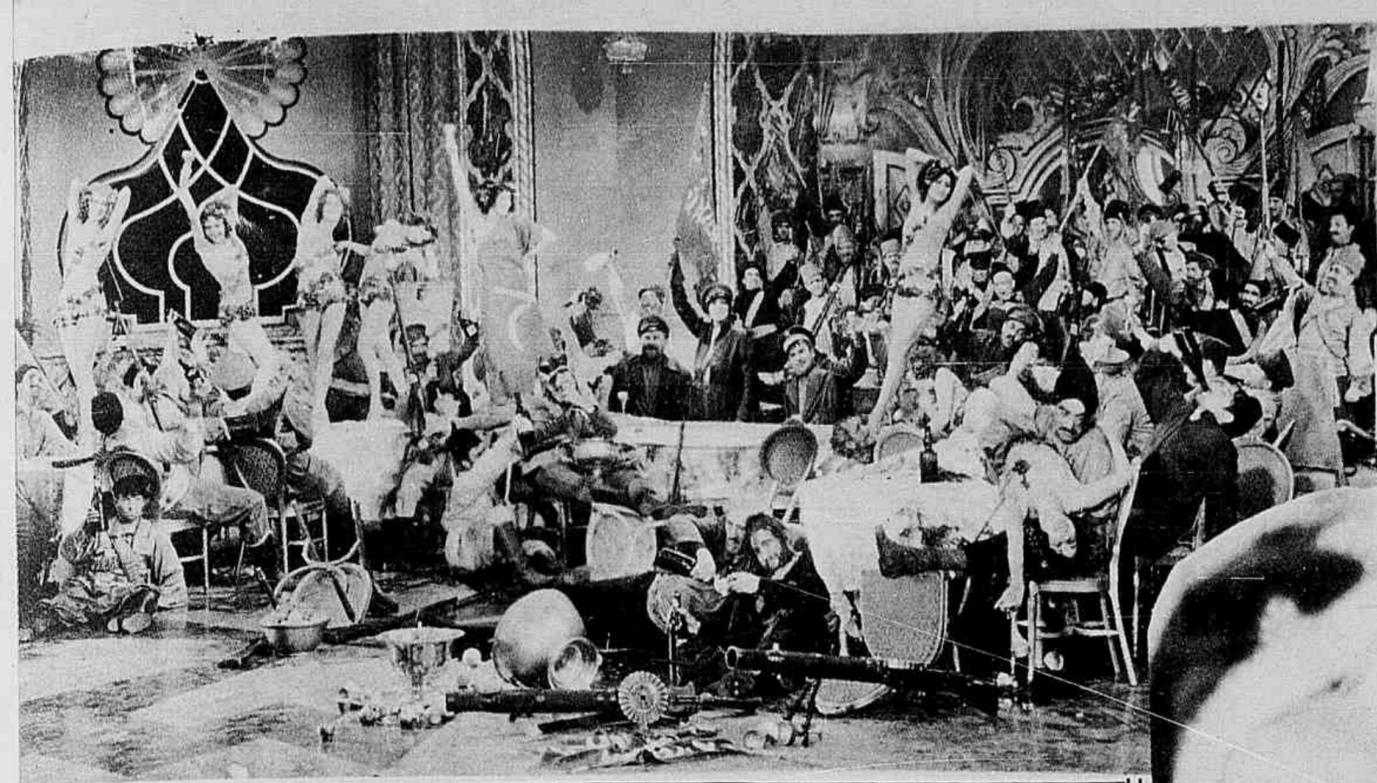
FILM DA WARNER BROS.

Aniuta — a "FLAMMA" . . . . *Bernice Claire*

Principe VOLDYA . . . . *Alexander Gray*

Konstantin . . . . *Noah Beery*

Natasha . . . . *Alice Gentle*

Conde Boris . . . . *Bert Roach*

pelo communismo sangrento. O que ella cantara, na sua essencia divina, estava agora enlameado. E, cheia de desespero, chegava a sentir a alma envolta nas sombras do arrependimento!... E essa sua revolta ella propria não escondeu ao proprio KONSTANTIN, outr'ora seu camarada e que dispunha ao seu talante das vidas e dos bens dos outros com uma semcerimonia espantosa!...

— ANIUTA tu que fôste a alma da nossa victoria, que queres? indagou-lhe KONSTANTIN.

— Quero que vocês saibam ser honestos e não se tornem ladrões, nem assassinos!... KONSTANTIN encheu-se de odio ante esta resposta esmagadora. De odio encheu-se tambem NATASHA, antigamente cantora de "cabaret", agora grande dama e sempre, hontem e hoje amante de KONSTANTIN. Mas dominou toda a sua exaltação flammejante. ANIUTA, para elle, tinha ainda um predicado que não podia desprezar: era mulher...

FLAMMA

—oOo—

A chamma da revolução não chegara ainda áquelle rincão do sudoeste russo, onde no momento em que o fixamos se realizava a tradicional festa da colheita. Os camponezes, em embriaguez de alegria, se entregavam aos desvarios do seu grande jubilo, ante os proprios olhos do principe VOLDYA ali nascido e ali creado e a que todos queriam bem por nunca se ter servido da sua situação para humilhar os outros. A um passo de dansa, caracteristica, se seguia outro e a festa ia na sua mais viva animação quando o principe notou que bem perto delle, acompanhava o movimento e a algazarra ambientes com os olhos, uma creatura de belleza estranha. Fixou-a e se empolgou da figura cheia de seducção e de encanto. Nas suas vestes de camponeza não escondia o corpo lindo, cujas linhas maravilhosas e esculpturaes lhe mordiam os sentidos. Agora, era o proprio principe que, desviando a attenção da mulher bonita, propunha:

— Os meus cossacos irão fazer prodigios de equitação por um beijo, querem?

E depois da ousada prova, coroada de exito o conde BORIS, o assistente do principe, interveiu:

— Quem ousa pôr á prova o valor do nosso principe? A estranha creatura, que outra não era senão ANIUTA, a "FLAMMA", gritou:

— Eu!...

— E se o principe provar o seu valor?

— Dar-lhe-hei um beijo...

E o principe venceu. Envolvendo-a nos seus braços fortes elevou-a até á sella do cavallo que montava e partiu á galope para ganhar o beijo promettido, longe dali...

—oOo—

Uma hora desnovelou os seus minutos todos sobre a partida do principe quando appareceu no povoado, em meio á algazarra infernal, um bando de revolucionarios. Era aquella região, exactamente, a unica em que a scentelha de revolta não incendiara os corações. Era a unica que ainda estava em paz... KONSTANTIN, á frente de um bando numeroso, avançou, tomando de assalto a taberna e ahi installando o seu Quartel General.

Em pouco elle comprehendeu que não lhe seria muito facil saquear o castello do principe VOLDYA, porque toda aquella gente revelava, nas suas mais simples palavras, uma grande, uma immensa gratidão, um immenso, um grande amor por sua familia e por elle proprio. Dahi KONSTANTIN pensar em attrahir ANIUTA, a "FLAMMA", sob cujo prestigio poria em pratica todo o seu plano machiavelico. Mas ouvindo-a se inteirou de que ella estava voltada, a inteiro, para o principe a quem amava perdidamente depois daquelle beijo... Urgia, entretanto, levar a effeito o seu projecto sinistro. E para tanto KONSTANTIN jurou á ANIUTA que pouparia a vida do principe se

(Termina no fim do numero).

Cinema de AMADORES

(De Sergio Barretto Filho)

FILMS E NÃO CARTÕES POSTAES!

O numero dos turistas-amadores que, cada anno, deixam os portos americanos em procura de assumptos cinematographicas para serem filmados com as suas camaras, muitas vezes adquiridas na vespera da partida, conta-se por milhares, segundo estatisticas recentemente publicadas.

Muitas vezes, porém, a maior parte desses cine-amadores voltam para casa com algumas centenas de metros de film que passarão, no maximo, por um jornal cinematographico mal organizado. Outros voltarão com os trechos daquillo que poderiamos chamar o movimento das ruas. E no emtanto, por alguns mil reis, teriam photographias mil vezes melhores do que seus proprios films, bastando, para isso adquirir alguns cartões postaes. Ainda outros deixam os portos americanos com a intensão firme de voltarem com uma historia filmada no estrangeiro, e para isso escrevem um scenario, acabando por desprezarem os melhores assumptos, justamente por seguirem o scenario muito de perto.

Nesse genero de filmagem para amadores, o cine-turismo, mesmo que possam obter os melhores resultados, o amador americano tem sempre notado os defeitos constantes que dahi resultam quando a filmagem é baseada sobre um scenario. E justamente ahi é que se acha o erro. E' ahi que todos os amadores americanos e principiantes se enganam A experiencia tem ultimamente dado a conhecer qual deve ser a verdadeira directriz. Eil-a: *realizar o turismo com a idéa em aproveitar todos os apanhados e introduzil-os, mas tarde, n'um scenario conveniente, urdindo então uma historia simples, em todo desses apanhados.* Percebe-se logo que a liberdade concedida por um tal methodo fornece ao amador o primeiro e ao mesmo tempo o mais simples passo para que os films resultem o mais interessantes possivel.

Assim, ao envez de uma unica scena, teremos uma sequencia de scenas, que por ser completa será mais interessante. Filmemos as mesas de qualquer café parisiense de nomeada, essas mesas, como aqui, dispostas

Convém outrosim incluir os amigos nas diversas scenas. Voltemos a pensar em Paris.

Si acaso ainda existem as "grisettes", filmemos uma dellas. Façamos com que um dos nossos amigos a chame e lhe pergunte o caminho para a praça da Opera. Teremos assim uma scena com bastante acção, ao envez de uma menina simplesmente andando ao longo da rua. Compremos jornaes mais caros. Demos uma gorgeta á florista. Perguntamos ao porteiro de um desses famosos ho-

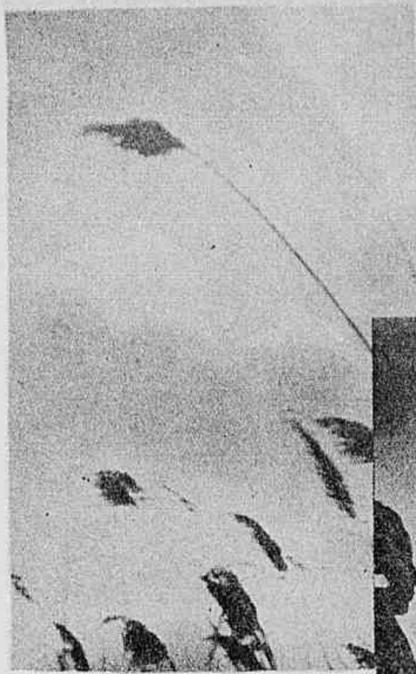
Os estudos do trigo sob o influxo do ar, as composições interiores são executadas por amadores americanos, e a scena de rua por amadores judeus londrinos.

Isso que ahi fica poderá parecer uma utopia. Mas si realmente fizermos as coisas desse modo, filmando trechos para depois aproveitarmos no scenario, veremos que muitos dos nossos vizinhos e amigos já desejarão vêr o film, ao envez de fugir delle.

Supponhamos uma visita a Paris, como o americano gosta de fazer. Si o nosso desejo fôr voltar para casa com um simples jornal, teremos que nos contentarmos com méras vistas da Torre Eiffel, do Sena; da Opera, da Notre Dame, e coisas parecidas, sabidas, vistas e photographadas de sobra.

E' só o facto de terem essas vistas sido feitas por nós mesmos não é bastante para tornal-as interessantes a qualquer um. Vistas desse genero podem ser filmadas, si esse é o nosso desejo, mas não as mostremos aos nossos amigos. Elles poderão qualifical-as de interessantes, por méra cortezia apenas, mas no intimo estarão achando-as muito sem valor.

Façamos o contrario, apanhando vistas detalhadas de assumptos menos conhecidos, menos espaventosos, e todos voltarão a vel-os mais uma vez, trazendo até os proprios amigos. Si conseguirmos que um amigo e turista, que nos acompanha, inicie uma discussão com um chauffeur, caso não forem os dois acabar no xadrez, teremos uma scena com bastante acção, demasiada até, quem sabe? Essas scenas, detalhes desse genero, não podem, porém, ser tomados assim atôa. Continuemos a imaginar que nos achamos em Paris. Filmemos primeiro um ultimo-plano. Depois um primeiro-plano no momento em que o nosso amigo mais se irrita contra o chauffeur. Depois um detalhe do relogio do taxi. E si pudermos induzir um policia a que se meta na discussão, a acção ainda tornar-se-ha melhor.

Quando o film fôr editado, a ordem das scenas poderá ser a seguinte: primeiro, um subtitulo; depois um ultimo plano; terceiro o primeiro plano; quarto o detalhe do relogio; e quinto o ultimo plano de novo, para terminar

ao longo das calçadas, com um detalhe das pilhas de cartões, indicando o numero da *chopps* e *drinks* alguem deseja guardar um daquelles pratosinhos de papelão como lembrança, e por isso guarda-o no bolso. O "garçon" nota a manobra. E já ahi temos outra scena tragi-comica.

Ha centenas e centenas de trechos, filmados desse modo, que poderão ser transformados em historietas, ou melhor pequenos detalhes com enredo e acção, si quizermos pensar um pouco.

O essencial é não nos deixarmos vencer por essa idéa de que *estamos escrevendo um scenario*, porque na realidade tudo isso é inexacto, inclusive a filmagem posterior daquelle scenario. A unica coisa que fazemos é organizar uns apanhados intelligentemente filmados. E para isso é preciso tratar de cada um delles isoladamente, para depois unil-os e ligal-os entre si, quando voltarmos da excursão de turismo.

Outra coisa: não convém examinar si isto ou aquillo adaptar-se-ha á historia, como ficou dito, ou não; convém tratar unicamente da filmagem, para depois ligar as scenas com uma historia, com todo o descanso e socego. Deve-se ter em conta *o que se está filmando*, e não *aquillo que se pretende filmar*, mesmo porque os trechos apanhados numa combinação de planos distantes, medios e curtos nunca irão gastar mais pellicula que um simples trecho em plano invariavel, além de tornarem o film muito mais interessante.

Assim pois, pelo que ahi fica, devemos dar á nossa attenção á filmagem, guardando o enredo da historia para mais tarde. Se não nos importarmos com a urdidura de uma continuidade, teremos, pelo menos, alguns bons apanhados, coisa que outros não obterão nem mesmo á custa de um scenario trabalhoso.

teis parisienses, si elle sabe de um restaurante onde o serviço de mesa seja decente.

Si formos ao jardim zoologico e encontrarmos o urso polar a dormir, precisamos jogar-lhe pedrinhas para accordal-o e fazel-o entrar em acção. Filmemos as salvas deante do tumulo do Soldado Desconhecido, ao envez de simplesmente photographal-o, e, ao voltarmos da nossa excursão, teremos comnosco vistas que não poderiamos achar, nem mesmo em cartões postaes, de modo algum.

Si fôr do nosso desejo, poderemos até executar o trabalho sob um plano mais definido. Tomemos por exemplo um detalhe sempre constante atravez de todo o film: o de um amigo que sempre julga as despezas exaggeradas demais, e dá o desespero por isso; o de uma esposa descuidada que a todo momento cahe em risco de perder a sua sombrinha; o de um garoto, um pequeno que vive a perguntar ao papae o que é isto e o que é aquillo. E assim por diante.

E' preciso porém trabalhar com toda a liberdade de espirito. Apanhar os trechos que passam despercebidos aos outros, por inaproveitaveis. E' preciso que não se filme com a intensão de fazer sobresahir certas coisas. Antes executar o trabalho da filmagem com a mira na obtensão de assumpto para uma historia que se desenvolva emquanto filmamos, porque uma variedade grande de trechos resulta numa collecção muito mais interessante do que um unico ultimo-plano, apanhado detidamente e a uma distancia invariavel.

Nisso que ahi fica deve resumir-se todo o ponto de vista para o cine-turista, qualquer que seja o logar da terra onde elle vá gozar as suas férias de turismo; Europa ou America, Paris ou Rio de Janeiro. Esse ponto de vista tem que resultar em sequencias interessantes *por força;* e essas sequencias em uma historia agradavel, tambem *por força*.

(Termina no fim do numero).

Rosita Moreno e o Natal

Norma Shearer

Alice White

Gertie Messinger

A NOIVA DO

(BRIDE OF THE REGIMENT)

FILM DA WARNER BROS.

Condessa Marianna	*Vivienne Segal*
Conde Adriano Beltrami	*Allan Prior*
Coronel Vultow	*Walter Pidgeon*
Sophia Lavalle	*Myrna Loy*
Sprotti	*Lupino Lane*
Theresa	*Louise Fazenda*
Tangy	*Ford Sterling*
Capitão Stogan	*Claude Fleming.*

A revolução ere imminente. A oppressão esmagadora dos austriacos dominadores daquella região italiana incendiava o enthusiasmo de toda aquella gente heroica. De um momento para outro bem que podia estoirar a revolta. Por isso as tropas austriacas se mantinham alerta, em incansavel vigilancia, dispostas a abafar, logo no primeiro instante, o movimento que se esboçava. Aconteceu, entretanto, que nessa manhã sombria, de nevoa e de frio, estoirou o movimento sedicioso. E por coincidencia impressionante nessa mesma manhã, o mais graduado chefe revoltoso, o conde Adriano Beltrami, realizava, na maior pompa, o seu consorcio com a linda e perturbadora Condessa Marianna. Em breve a nova alviçareira chegava á cathedral onde o sacerdote acabava de unir pelos laços da religião aquelles que, de espirito, já estavam unidos pelos laços do mais puro amor... Semperda de um instante, o conde e a condessa tomaram a luxuosa carruagem que os aguardava e partiram, a

toda brida, para o castello de sua residencia. Mas mal chegaram ahi — o palacio era invadido pelas forças do capitão Stogan, incumbidas de prender o Conde Adriano. A condessa, muito afflicta, com o auxilio do desenhista TANGY que appareceu providencialmente, deu fuga ao famoso de modo que o proprio TANGY se apresentou ao militar como o seu marido, o conde ADRIANO BELTRAMI. E como tal ouviu do Capitão STOGAN a revelação de que o grosso das tropas austriacas marchava sob o commando do proprio Coronel VULTON!...

\+ \+ \+

O Capitão STOGAN soube sempre comprehender o coronel VULTOW e por saber comprehendel-o de mais, por signal, muitas vezes irritou-o... Por isso, encontrando no caminho uma *troupe* de dançarinos italianos que se dirigia para Veneza, intimou-a a se deter no castello e ahi ficar para divertir o coronel e seus officiaes.

A primeira dançarina, a adoravel SOPHIA LAVALLE, perseguida, sempre de perto; pelo caricato SPROTTI, cuja maior ambição na vida era tornar-se seu esposo, encheu-se de alegria, pela opportunidade que se lhe offerecia de viver longas horas no palacio faustoso e de ir divertir o famoso militar!...

Antes do coronel VULTOW chegar ao palacio, seus vastos salões, seus "halls" magnificos e seus parques magestosos foram palco das scenas de comicidade mais notaveis, provocadas pela figura grotesca de SPROTTI, pela formidavel THERESA, a creada grave da mansão, pelo desenhista TANGY, com a sua especialidade de silhuetista e pelas recusas de SOPHIA LAVALE aos protestos de amor do seu impagavel noivo...

\+ \+ \+

Chegou o Coronel VULTOW. Alvoroçaram-se todos no palacio. E elle, entre alas de officiaes, avançou, sorridente, mirando o castello maravilhoso; cujo conforto e cujo luxo excediam ás expectativas mais exaggeradas. Ante os encantos de SOPHIA, elle curvou-se numa reverencia e pôz-se a fazer-lhe a côrte, dando-se por feliz de ter encontrado tão boa companhia para uma noite tão má!...

— E você — disse elle apontando o exquisitissimo TANGY — é então o celebre revolucionario? E TANGY, tremulo, mas sem perder a presença de espirito:

— Sim, exactamente, eu mesmo...

— Coitada da Condessa!...

— E o jantar?

— Será servido dentro de quinze minutos, no salão Luiz... respondeu, solicito, o capitão STOGAN...

— Mas o salão verde é muito mais bonito que o Salão Luiz...

— Então sirva o jantar nesse salão!...

— Mas esse salão, coronel pertence á Condessa!... E ella não quer dispôr delle!...

E o Coronel com toda a violencia que o caracterizava:

— Pois eu vou arrancal-a de lá!... E foi. Ao defrontar a nobre titular, o militar tremeu, a um assomo de estupefacção. Julgando pelo conde — elle calculou que a condessa fosse qualquer coisa que correspondesse á imagem delle!... Mas não!... A Condessa era linda, no seu corpo esculptural, nos seus olhos cheios de brilho e nos seus cabellos de ouro... Desse modo foi de surpresa a emoção que a todos empolgou quando o coronel, meigo, appareceu; trazendo preso ao braço, o braço da condessa, declarando: — meus caros amigos: a condessa consentiu em fazer-nos companhia ao jantar!... E' uma honra que muito nos enaltece e orgulha!...

SOPHIA LAVALE, vendo-se desprezada pelo Coronel que tanto se estonteara com os encantos da condessa não podia esconder o odio que lhe empolgava a alma e que se lhe vasava pelos olhos, frios, penetrantes como punhaes. E mais e mais se enraiveceu quando ouviu o coronel dizer á condessa, entre dois goles de champagne: — prometto-lhe uma noite magnifica... Um contraste de sua penosa existencia com o velho conde...

E SOPHIA LAVALE, os olhos transbordando de colera, aos ouvidos do proprio noivo idiota:

— Nenhuma condessa ha de arrancar homem algum que eu conquiste!... Hei de tel-o a meus pés!... Vou dansar até ferver-lhe o sangue!...

+ + +

encantos. E para tanto tratou de attrahil-o para os seus aposentos... A esse tempo, entretanto, a condessa encontrava com o seu esposo e já se approximavam, um do outro, para o primeiro desabafo ou para o primeiro beijo, depois de tantas peripecias — quando o coronel VULTOW appareceu!... Desconfiado da verdadeira identidade do silhuetista o coronel pediu que lhe fizesse a silhueta!... Precisamente nessa occasião appareceu TANGY que procurou auxiliar o verdadeiro Conde, sendo nisso presentido pelo Coronel, que silenciou para momentos depois descobrir tudo e mandar prendel-o para que o fuzilassem pela madrugada! Como uma louca a condessa correu a ajoelhar-se aos pés do Coronel, supplicando-lhe que poupasse a vida do esposo!... E o Coronel, inalteravel, disse-lhe que dependia só della o destino do marido.

— De mim?

— Sim...

E o Coronel, com a sua maldade de homem:

— Está claro que a vida do seu marido depende de você. Não das suas lagrimas mas... dos seus beijos!...

A Condessa, no abandono da sala, ergueu os olhos e mirou o retrato da sua avó, na sua linda

O jantar chegara ao seu terminio, regado do mais fino champagne e dos vinhos mais finos. E o Coronel VULTOW embriagado de amor, entoava um hymno á belleza estonteante da condessa quando o conde ADRIANO, disfarçado em roupas pobres, appareceu, tomado de susto, pela surpresa daquella algazarra e daquella festa. O Coronel mandou prendel-o, certo de que se tratava de um espião.

Mas a condessa pediu que

muldura antiga. Mirou-o e tocada pela lembrança contou ao Coronel, a lenda tradiccio-

não lhe fizesse mal, porque elle era um simples menestrel, um cantor, um silhuetista... O Coronel mandou o recemvindo cantar. O conde cantou, por signal bem, mas mesmo assim, não agradou o coronel. E este já falava em mandar fuzilal-o!... Mas a condessa jurou ao Coronel que se rssponsabilizava por elle. E só por isso o

Regimento

conde ficou em liberdade, no Palacio!...

+ + +

SOPHIA LAVALE, para se vingar da condessa, tratou de envolver TANGY, que ella julgava seu esposo, como aliás todos o julgavam, na teia dos seus

nal em sua familia, da nobreza da velha titular. E — curiosissimo!... — por uma coincidencia notavel a lenda era uma reproducção real da situação no momento!... A vida do marido em perigo. O dominador só a conservaria incolume se a velha avó se entregasse. A' hora combinada ella, afinal, compareceu. E o algoz curvou-se vencido ante a nobreza titular. E deixou-a partir immaculada como lhe surgira!... O Coronel riu da historia, mas mostrou-se disposto a não imitar o homem que deixou, incolume, em taes circumstancias;

a avó da condessa... Até pelo contrario. Ao dar-lhe boa-noite disse-lhe que fazia votos para que ella não demorasse a apparecer!...

+ + +

O Coronel VULTOW vencido pelo "prestigio" da champagne adormeceu... E sonhou tudo o que desejava que se realizasse, entre elle e a condessa... Esta, depois de uma dura e ardua luta de espirito, luta que poz em conflicto todos os seus sentimentos — resolveu, num gesto de suprema renuncia, entregar-se ao Coronel... Penetrou-lhe o aposento e avançou... Em vão sacudiu o Coronel para despertal-o... Em vão offereceu-se... Nas asas do sonho o Coronel vivia, naquelle instante, a gloria que agora não queria viver na realidade!...

+ + +

Pela manhã a condessa, mergulhada em pranto, correu ao Coronel VULTOW para pedir-lhe não mandasse fuzilar o esposo. O Coronel que pensava que o seu "sonho" fosse realidade sorriu e disse que a condessa não devia pedir e sim "exigir" — porque ella tambem soubera cumprir a sua malavra!...

A Illusão prestou, assim, um serviço, á Nobreza. Horas depois o Coronel e os seus soldados partiram, tendo partido antes a troupe de bailarinas...

O Coronel levou, é certo, a illusão de ter sido feliz, no sonho que salvou a honra e a dignidade da condessa!...

Mitzi
Green
A maior artista
das pequenas...

As estrellas que não Existem...

ERA UMA VEZ...

Vocês já viram as *estrellas* que não existem? Já viram, sim! Ellas apparecem, diariamente, em todas as fitas. Figuram, mesmo, em todas as producções em confecção e alimentam-se, apenas, com as cinzas das suas grandes ambições.

As *estrellas* que não existem, sãos os *extras*. Os *extras*, pobres soldados da ambição, esperam, todos os dias, para subir, apenas um sorriso bondoso da sorte...

Comparam muitos, estes mesmos *extras*, aos rutilantes *nadas* que enfeitam tanto uma arvore de Natal. São elles, sempre, bonitos e fatuos como aquella bola de sete côres, insegura e fragil que um simples roçar desfaz em pó Além disso, multidão illuminada de phantasias, parecem-se, tambem, com as velinhas mil, que fazem o encanto das arvores de Natal... A cêra que dellas escorre, tambem, é, mesmo, como as lagrimas que os *extras* deixam correr pelas faces empallidecidas, no eterno caminhar em busca da illusão...

E' quando a arvore de Natal — a *fita* — é esquecida?... São tambem esquecidos os *extras* e, assim, forçados a reencetar a caminhada em busca de outra arvore de Natal — outra *fita* — afim de a enfeitarem, tambem, com as luminosidades esplendentes dos seus eternos enthusiasmos...

A's vezes apparece a mão intelligente que tira um desses enfeites frageis e o colloca em logar seguro, dando-lhe a fama, depois. Esses são os *extras* felizes que encontram, afinal, o rumo certo na carreira que já lhes ia consumindo a ultima esperança..

——oOo——

Um dialogo.

O *astro*, aborrecido com a fita, diz ao director:

— Que tolice! Já se viu cousa mais cretina do que esta fita?...

O director riu. Depois de algum tempo, respondeu-lhe, num sorriso.

— Mas afinal, Bob, é isto que o publico quer. O que hei de fazer? E' elle que pede essa mesma cousa *cretina* que tu estás censurando...

E tornou a rir, mais alto ainda.

O *astro* quasi corta o riso com uma phrase mais enthusiasmada:

— Que diabo de historia é essa que voces me arranjaram? Por onde enveredou este scenarista? Já se viu, agora, eu, que tantos admiram, mettido em negocios de orphãos e, ainda por cima, arvores de Natal, barbas brancas e o corpo todo arcado, a fingir de velhinho?...

O director riu mais alto ainda. Ainda todo sacudido de humorismo, accrescentou:

— Tens razão, Bob! Um crime, é isso mesmo... Que diabo, commetterem a ousadia de esconder teu formoso rosto atraz de umas barbas postiças... Isto, sem duvida, nem que seja por poucos metros de fita, é um crime, não ha duvida! Mas...

E fez-se sério.

— O Natal é uma cousa lindamente Universal, Bob! E o povo, moço ou velho, ama, sempre, a eterna lenda do jovial Noel e dos sinos grandes que annunciam a sua vinda. Arvores, orphãos, barbas postiças, bem brancas e gente esperando, é a propria natureza que nos obriga a respeitar.

— E o homem das barbas.

Accrescentou o presidente da Companhia, que acaba de chegar e ouvia o fim da conversa.

— Está, nas fitas, para mais lhe augmentar a importancia que vae ter para os meus cofres, meu amigo! E é por isso, deves comprehender, que estás usando as barbas, o disfarce e...

— Vaes gostar disso!

Arrematou o director.

O *astro* deu o cavaco. Andou como se fosse o proprio gato Felix, de lá para cá. De cá para lá. Mas comprehendia, afinal, tão bem quanto o director, que estava escripto, no scenario, o episodio do Papae Noel e que, portanto, tinha que ser elle levado a bom termo. Custasse o que custasse.

Assim se fez. Na manhã seguinte, quando o *astro* entrou pela porta da montagem, todo vestido de seda encarnada e com as barbas seguras á mão, já encontrou um regimento de *extras*, que eram os orphãos em questão, arregimentados para a sequencia que ia ser filmada. Muitos, eram *extras* crianças, ainda. Apenas uma *extra* havia, mais crescida, quasi moça, mesmo, cabellos de ouro, encaracolados, olhos azues, cheios de illusão e no seu todo, visivel, uma admiração pasma pelo ambiente que a cercava e um pequeno sorriso, no canto dos labios a mostrar que para ella, naquelle instante, era a propria vida que começava a existir, ali...

A scena a ser filmada não era comprida. Era alguma cousa *cretina* que precisava ser alegre e jovial. O *astro*, que, na fita, fazia o papel de um solteirão joven, fazendo-se de Papae Noel para ganhar o coração da heroina, apenas, (que, aliás, era bonita demais para ter sido contractada para aquelle papel de chefe daquelle asylo de orphãos!) fez aquillo tudo com rara pericia. Portou-se, mesmo, á altura da sua grande fama de sublime *astro*.

No instante de distribuir os presentes, já sob o grito de *camera*, representou elle a sua scena com muita vivacidade. Distribuiu aqui um presente, com uma piada. Ali outro, com um muchocho. Ainda aquelle, com uma palmadinha no rosto do garoto e quando chegou á orphã de olhos azues, que contemplava, antes, tudo aquillo extasiada, disse:

— E o que quer você que Papae Noel lhe dê?

A pequena, timida e attonita, respondeu:

— Queria esses enfeites da arvore de Natal! Muitos delles, sim?...

O *astro*, com aquella resposta, divertiu-se. Emquanto continuou representando sua scena e depois, mesmo, quando a terminou e do director se approximou. Commentou elle o facto.

— Parece differente!... De onde teria vindo?

O director lhe respondeu.

— Notei-a, tambem, meu amigo. Prece-se um pouco com Betty Bronson, não achas? Tem qualquer cousa de infantil, de delicado e sensivel que commove. Quando começar aquella dansa dos orphãos em volta da arvore, eu vou tirar o maior numero de *close ups* della que me seja possivel. (Foram esses *close ups*, mais tarde, que fizeram todo o successo da fita, citados, mesmo, pelos criticos mais severos de toda a imprensa!).

Depois da scena ter sido tomada e retomada, para evitar possiveis enganos, o *astro* tirou do seu rosto as barbas brancas de Papae Noel. Abriu, tambem, a capa de seda encarnada que lhe parecia mais um forno do que outra cousa qualquer. E, sem o sentir, approximou-se do local aonde se achava a pequenina *extra*, loura, de olhos azues, parecida com Betty Bronson e tão espiritual!

Elle, o homem que tantas mulheres amavam e queriam, chegou-se quasi casualmente para o lado da *extra* sentimental e delicada. Depois de alguns segundos, elle tossiu. A pequena, que não lhe havia prestado a mais simples attenção, não o havia presentido, ao seu lado. Ella olhava, quasi absorta, a grande estrella de prata que brilhava, bonita, bem em cima daquella grande arvore de Natal. O *astro* tossiu. E ao mesmo tempo que a pequena tirava os olhos da *estrella* elle fez uma pergunta:

— O que quiz você dizer com enfeites? Aquelles enfeites, se é aquillo que você queria, duram pouco. Não valem nada... Outras pequenas que eu conheci, creia, pediram-me, sempre, cousas que fossem mais reaes... Automoveis braceletes de brilhantes, por exemplo... Mas... que idade tem você?...

A pequena, emquanto elle falava, rodava os olhos bonitos e curiosos pelo seu rosto. Nos seus olhos, no emtanto, ella não mostrava saber que elle era um grande *astro* e nem que tinha a honra de estar falando com um dos maiores nomes do Cinema.

— Eu...

Relutou ella antes de responder.

— Eu... Tenho dezoito annos, mas sei, perfeitamente, que todos me acham com menos idade. Talvez por causa do meu cabello comprido... Quanto aos enfeites... (Falou

(Termina no fim do numero)

Lillian Roth,
Marion Shilling
e
Rosita Moreno...

GLORIA SWANSON
DOLORES DEL RIO

MARCELINE DAY
NORMA
RAQUEL TORRES

A TELA EM REVISTA

ODEON

O BAILE DA MORTE — (Those Who Dance) — Film Warner Bros. — Producção de 1930 — (Programma Frist National) —

◈ ◈ ◈

Refilmagem de **Os que Dansam** (Those Who Dance), film da Frist, ha annos feito, com Bessie Love, Blanche Sweet e Warner Baxter nos principaes papeis e direcção de Mambert Hillyer.

Relativamente, esta versão é fraca. A gravação, mesmo, não é das melhores.

Betty Compson, Lila Lee e Monte Blue têm os principaes papeis e William Beaudine a direcção. William Janney, soffrivel, como sempre. Cornelius Keefe tem o papel de irmão de Monte Blue. E' um film, fraco que só se pode recommendar pela belleza de Betty Compson e mais nada.

Argumento de George Kibbe Turner. Adaptação de Joseph Jackson. Operador, Sid Hickox.

COTAÇÃO: — 5 pontos.

◈ ◈ ◈

DO SONHO A' REALIDADE — (Not Damaged) — Film Fox — Producção 1930.

◈ ◈ ◈

Argumento commum, com scenario de certas situações de valor e Cinematographicas e uma direcção usual, apenas feliz naquella festa a qual Walter Byron leva Lois Moran. No restante, feliz em alguns apanhados, soffrivel noutros, commum, ainda noutros. Chandler Sprague ainda não é um perito...

Lois Moran, desgraciozinha como sempre, coitada. faz o possivel para convencer dentro do seu simples e descolorido papel. Walter Byron, o melhor do elenco e uma das razões pela qual póde-se ver o film. Robert Ames, como sempre, cacetissimo e insupportavel, mesmo. Inez Courtney e George "Red" Corcoran têm algumas bôas piadas, inclusive as da festa no armazem.

Argumento de Richard Connell. Adaptação de Frank Gay. Operador, Chet Lyons.

A versão exhibida foi **muda.**

COTAÇÃO: — 5 pontos.

D. **"Sally"** e **"Um sonho que viveu"** foram reprisados.

GLORIA

COM UNHAS E DENTES — (Hold Everything) — Film Warner Bros — Producção ue 1930 — (Programma First Natnonal).

Roy Del Ruth, que foi feliz ao extremo com a sua direcção em **As Mordedoras,** num genero mais ou menos identico a este, não o foi com este film. Trata-se de uma producção fraca, apenas avivada, aqui e ali, de uma piada feliz de Joe Brow ou Winnie Lightner e, tambem, tendo uma luta de box valiosa e bem disputada. Aspectos interessantes, esses.

De resto, o film é fraco e descolorido. Além disso, a gravação, toda ella, terrivel!

Do elenco, repetimos, apenas os dois são formidaveis. Elle, então, em algumas scenas com Jack Curtis e em outras com Winnie, está estupendo! Ella, engraçadissima, como sempre e cantando muito bem os seus numeros comicos.

Georges Carpentier, ex-**boxeur** campeão da Europa, coitado, continua cantando... canções americanas! E' um dos motivos para a gente não gostar do film. Sally O'Neill, a sua heroina sem sal algum... Dorothy Revier, Bert Roach, Edmund Bresse, apparecem.

Foi um film exhibido na temporada **passatempo.** Provocou algumas gagalhadas e serve, principalmente como complemento de programma.

Argumento de B. G. De Sylva e John Mc Gowan. Bailados de Larry Ceballos. Adaptação de Robert Lord. Operador, Devereaux Jennings.

A versão exhibida foi **toda falada** com letreiros intercallados, um dos bons systemas.

COTAÇÃO: — 5 pontos.

Como complemento, o gosadissimo e engraçadissimo **short, Largo al Factotum,** da opera **Barbieri di Seviglia,** de Rossini, cantada por Giuseppe De Lucca, um artista de decididos meritos comicos... Voz: excellente. Mas é um desses **shorts** que põe a gente com medo de assistir uma opera inteira.

PRIMAVERA DE AMOR — (Spring is Here) — Film First National — Producção de 1930.

Film do genero opereta-revista, tão visto por nós, ultimamente. Não é nem das peores e nem das melhores. Fica num nivel commum.

Bernice Claire, cantando bem, apparece ao lado de dois Gray: Alexandre e Lawrence. A musica é fraca e tem poucas paginas brilhantes. Ford Sterling e Louise Fazenda é que roubam o film. Aliás num film em que figuram galãs da marca de Alexandre e Lawrence Gray, nada mais facil figuras de Cinema, como Sterling e Fazenda roubarem o film.

Natalie Moorhead, apparece — Outrosim Inez Courtney e Frank Albertson.

A direcção de John Francis Dillon conservou-se no nivel commum.

Argumento de Owen Davis. Adaptação de James A. Starr.

COTAÇÃO: — 5 pontos.

PATHÉ-PALACE

O QUE OS HOMENS QUEREM — (What Men Want) — Film Universal — Producção de 1930.

Mais um argumento de Warner Fabia, o escriptor que já nos deu argumentos que foram esplendidos films de **jazz** e mocidade, como **Flaming Youth,** etc. Mas... ou a adaptação de Dorothy Yost e Jack Clymer foi defeituosa, ou a direcção de Ernest Laemmle é fraquissima, o facto é que o film é despedido de qualquer colorido sensacional e apenas restricto ao circulo das producções communs, batidas, sem maior interesse.

Pauline Starke é a irmã mais velha, cheia de sophisma, ganhando dinheiro em **especulações** na **bolsa...** alheia. Abandona o amante, Robert Ellis, para se casar com Bem Lyon, o qual espera arrrastar a tanto, a custa de seducção. Mas não conta com sua irmã mais nova Barbara Kent, que lhe rouba o namorado e, ainda por cima, força uma serie de situações dramaticas de relativo valor e um **climax** sem resistencia alguma e fraco, mesmo. O melhor artista do film é Robert Ellis, que está naturalissimo e realmente dentro do papel. Pauline Starke, sem comprometter o papel, está apenas muito velha para cousas assim. Barbara Kent, bonitinha, tem scenas de responsabilidade e dellas sáe-se mal, como aquella da bebedeira, por exemplo. Bem Lyon, um galã commum. Hallam Cooley eternamente bebado e sem graça e Carmelita Geraghty maliciosa a fita toda e fazendo incomprehensivelmente bem a todo mundo...

Assumpto commum. Direcção commum. Elenco e interpretação communs. Nada de novo, portanto. O que salva e enfeita a vista, são uma serie de montagens modernissimas e ousadissimas, mesmo, que valem o film e o gosto de o ver.

Operador, Roy Overbaugh.

A versão exhibida foi **muda,** o peor systema, reprizamos.

COTAÇÃO: — 5 pontos.

RIALTO

ESTA NOITE... QUEM SABE? — (Heute Nacht... Eventuell) — Programma Urania.

Jenny Jugo, estrella desta producção, bonita como sempre, é um dos motivos do film agradar. Trata-se de uma comedia de assumpto genuinamente allemão. Mas é interessante e diverte.

Jenny Jugo apparece e enche os olhos. E' uma figura das mais agradaveis do Cinema allemão.

Johannes Riemann, Fritz Schultz e Otto Walburg, apparecem. Sigfried Arno, conhecido comico, tambem toma parte.

E. W. Erno dirigiu o film.

COTAÇÃO: — 5 pontos.

◈ Com este film o Rialto tornou a fechar. Os films da Ufa passarão no "quarteirão".

PATHÉ

O QUARTO ALARME — (The Fourth Alarm) — Pathé-Hal Roach — Producção de 1923 — (Programma Marc Ferraz).

Comedia de metragem maior com a **Our Gang,** ou, como ainda os chamam os films que o Programma Serrador costuma exhibir, ainda, os **Peraltas...**

Robert Mc Gowan dirigiu os cinco actos deste film. A não ser um ou outro invento da turma, nada interessa e chama a attenção. Em dois actos contariam aquillo tudo e com muito maior graça e interesse, sem duvida.

O publico não parece ter apreciado.

COTAÇÃO: — 3 pontos.

No mesmo programma exhibiram **Hombro Armas,** o antigo film de Carlito e, diga-se, com o mesmo successo de sempre.

◆ ◆ ◆

NUNCA E' TARDE PARA O AMOR — (A Sailor's Sweetheart) — Film Warner Bros — Producção de 1927 — Programma Matarazzo.

Film da dupla Louise Fazenda—Clyde Cook e fraca. A direcção de Lloyd Bacon, infeliz. Nem piadas satisfatorias o film tem e os principaes prestavam-se bastante para isso. As scenas de embriaguez, com Louise Fazenda, ainda que um tanto ou quanto exaggeradas, servem. Myrna Loy, John Miljean, William Demarest e Tom Ricketts, apparecem. O publico manteve-se mais ou menos indifferente.

COTAÇÃO: — 3 pontos.

IRIS

FLORES DE ALHAMBRA — (Los Clavelles de la Virgem) — Film da Omnium Film — (Programma Argos).

Film hespanhol que não tem scenario, nem direcção, nem photographia, nem interpretação. Imperio Argentina, artista do film, é uma figura vistosa, apenas. As suas scenas são todas exaggeradas e mal representadas. Valentim Pareda, outro que devemos annotar para nunca mais ver um film em que appareça... A sua scena de commoção e choro provocou gostosas gargalhadas na platéa... A direcção de Florian Rey é terrivel...

COTAÇÃO: — 1 ponto.

OUTROS CINEMAS

O DESTEMIDO — (Captain Careless) — Fita da F B O — Producção de 1928 — Programma Matarazzo.

Fita em que impera o absurdo, antes de tudo. Não póde ser levada a serio. Bob Steele, desta feita, com a sempre visivel intenção de imitar Richard Talmadge, pinta o diabo e fa: cousas do arco da velha... Mas... é só, mesmo! O restos, é um amontoado de cousas sem pé e nem cabeça. A impressão que se tem é que o argumento não teve continuidade... Mary Mabery é a sua heroina. Jack Donovan, Barney Furey e Percy Murdock, completam o elenco. A direcção coube a Jerome Storn que, ha tempos, tantas fitas bôas já dirigiu, com Charles Ray.

Argumento de Bob Steele e Percy Murdock. Continuidade de Frank Howard Clark. Operador, Virgil Miller.

COTAÇÃO: — 3 pontos.

◈ ◈ ◈

O PREMIO DO CAMPEÃO — (Fast Company) — Paramount — Producção de 1929.

Versão **muda** de uma fita falada que Eward Sutherland dirigiu soffrivelmente. A historia é toda vulgar e cacete. Jack Oackie é o principal. Nas scenas do **training,** apresenta-se vulgarissimo. Evelyn Brent, Gwen Lee, Breets Gallagher, Chester Conkilin, Sam Hardy, Arthur Houssman, Eugenie Bessener e E. H. Calvert, perdem o tempo. Da peça de Ring Lardner, com adaptação de Patrick Kearney e Walton Butterfield.

◆ ◆ ◆

COTAÇÃO: — 4 pontos.

DESAFIANDO A MORTE — (Pioneers of the West) Syndicate Pictures — Producção de 1929 — (V R. Castro).

Tom Tyler, nestas fitas da Syndicate, tem sido o melhor. Elle é agil, sympathico e porta-se magnificamente diante da objectiva. J. P. Mac Gowan dirigiu melhor, desta feita e ninguem perderá seu tempo se assistir esta fita como complemento de protgramma.

COTAÇÃO: — 5 pontos.

◆ ◆ ◆

O ESTOURO DA BOIADA — (The Oklahoma Kid) — Syndicate Pictures — Producção de 1929 — Programma V. R. Castro.

Um filmzinho soffrivel com uma direcção acceitavel de J. P. Mac Gowan e um desempenho acceitavel de Bob Custer. Ha muita pancadaria, o estylo de Mc

◈ ◈ ◈

Gowan, aliás.

COTAÇÃO: —4 pontos.

UMA NOITE NA CIDADE — (Trailing Trouble) — Film Universal — Producção de 1930.

Mais um filmzinho de Hoot Gibson. Nem melhor e nem peor do que os outros. Regular, apenas.

Hoot, cabellos já um tanto ou quanto grisalhos, gordo, está envelhecendo e já mostra caracteristicos de aposentadoria...

No assumpto ha os casos de sempre e nada de novo no scenario. A direcção de Arthur Rosson tambem é commum. Margaret Quimby é a heroina e Olive Yung tambem toma parte. Pete Morrison tambem figura no elenco.

COTAÇÃO: — 4 pontos.

◆ ◆ ◆

AUDAZ CAVALLEIRO — (Song of the Caballeri) — Film Universal — Producção de 1930.

Um dos ultimos films de Ken Maynard para a Universal. Agora elle vae continuar as suas proezas na Tiffany...

A historia passa-se na California antiga, quando ainda, sob o jugo dos hespanhóes. Ha o classico feudo entre duas familias. O tratamento de Bennett R. Cohen é que torna interessante o assumpto de Kenneth C. Beaton e Norman Sper.

Ken, neste film, tem dos seus melhores trabalhos, Elle e seus dois companheiros, Frank Rice e Bill Irving, têm momentos bastante felizes, durante o film. A scena em que Ken faz para a carruagem em disparada, classica em todos os films deste genero, está esplendidamente photographada e mostrada. Doris Hill, bem linda, é a heroina e representa com convicção. Francis Ford tambem apparece. A dansarina Joyzelle Jovnem toma parte.

COTAÇÃO: — 6 pontos.

JOAN CRAWFORD

Natal em Hollywood

FAY WRAY

RAQUEL TORRES

MARY PHILBIN

NANCY CARROLL

Pergunte-me OUTRA

RUDIE (Ribeirão Preto — S. Paulo) — Você é um enthusiasta. hein? Continue assim! Mas é isso mesmo, o PROGRAMMA URANIA tem tratado mal o SANGUE MINEIRO! Até vou transcrever aqui o pedaço da sua carta que se refere a isso: — "é lastimavel a maneira pela qual o PROGRAMMA URANIA prejudicou esse grande film brasileiro não se dando nem siquer ao trabalho de citar em seu cartaz os nomes dos artistas, que são dignos de menção. No cartaz dizia apenas isto: — "Por extravio do film Innocentes Perigosas" exhibimos em logar o monumental film do Programma Urania, SANGUE MINEIRO, em 8 partes, com um *punhado* de artistas famosos"... "Isto é para os *fans* lerem e saberem disso... Vou averiguar os dados que me pede e depois enviarei, sabe? Lia Torá, N. Edinburgh, Hollywood, California. Ella, agora, está figurando em *D. Juan Diplomata*, versão hespanhola de The Boudoir Diplomat que a Universal está fazendo. Tem o terceiro papel feminino da historia. Nita Ney, aos cuidados desta redacção. Volte sempre, Rudie.

CHICHILO (Neves) — Mas o que ha? Tenciona mandar-lhes caixões?... Têm mais de um metro, é o que sei... Charles Rogers, Paramount Publix Studios, Hollywood, California. Didi Viana é *estrella* de O PREÇO DE UM PRAZER, film que a *Cinédia* está activando, presentemente. O galã é Decio Murillo e o director, Adhemar Gonzaga. Está operando o film, Humberto Mauro. Mande photographias para *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26, Rio de Janeiro. Depois averiguaremos.

BEN HUR (Ribeirão Preto — S. Paulo) — Eu disse que elles custavam a mandar e é verdade. Existem alguns, no emtanto, que cuidam seriamente de sua publicidade e, por isso, mandam a qualquer um que peça. Mas não se illuda, amigo Ben Hur: elles nem leram e nem viram suas cartas. Aquillo vae para as mãos das secretarias ou do proprio departamento de publicidade da fabrica e lá elles mesmos, ás vezes, assignam a dedicatoria... Este procedimento, aliás, justifica-se: são milhares de cartas que lhes chegam, sempre e sempre. Mas o seu enthusiasmo de *fan* é uma cousa naturalissima, com certeza. Culver City é uma villa perto de Hollywood. E Hollywood é bairro de Los Angeles. Tom Tyler está com a Mascot, cujo endereço não é conhecido. Gina responderá, sim e já lhe entreguei seu endereço, novamente. Volte outra vez, Ben Hur.

BRANCA DE NEVE (Blumenau — Sta. Catharina) — Já estava com saudades de você... Agradeço seu cartão de boas festas e feliz anno novo e retribuo. Por que é que você anda triste? Paixão?... Deixe isso de lado, Branca de Neve, seja alegre, sempre e não se incommode com esses detalhes insignificantes... Não respondi, porque estamos organizando o cadastro e, assim que elle esteja prompto, responderei. Todas ellas responderão, tenha paciencia e aguarde. Não abandonou, não. Escreva-lhes aos cuidados desta redacção, rua da Quitanda, 7. Recebeu, sim e já o vi lendo e, ainda, tomando notas no caderninho que você tambem lhe mandou... Está contente? Se quer os Albuns, escreva para a gerencia. Volte logo. Branca de Neve.

Dita Parlo

Josephine Dunn

Anita Page e Gwen Lee

June Collyer

CARLOS AUGUSTO (Petropolis — E. do Rio) — Gostei das suas opiniões! Já as transmitti. Não sabemos se vae. Póde escrever, sim. *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26, São Christovão, Rio. Até logo, Carlos.

HERMES (Fortaleza — Ceará) — O que precisa, antes de mais nada, é enviar photographia sua para cá. Depois, é uma questão de opportunidade, mas é sempre preferivel quando a pessoa reside aqui mesmo. Isso de ser feio, não tem a menor importancia. Lelita Rosa, *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26, São Christovão, Rio. Esther Ralston e Anita Page, M G M Studios, Culver City, California.

LOUQUINHA PELO PAULINHO (S. Paulo) — Eddie Quilan, Pathé Studios, Culver City, California. Os outros, aos cuidados desta redacção, rua da Quitanda, 7. E', foi uma noticia triste, realmente. Vou ver se lhe arranjo. Vou até ver se mando dentro de um "Album"... Elle vae até ahi, sim. E' o maior camaradão que temos aqui e um excellente rapaz. Posso transmittir o que me manda dar, serve?.... Vae trabalhar, sim. Elle é primo de Paulo Morano e vae figurar num dos proximos films da *Cinédia*. Póde escrever-lhe para *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26, Rio. Mandará, com certeza. Você nunca é importuna, póde descançar. E dê minhas saudades á Diva, sabe?... Escreva sem susto.

Lillian Harvey, Betty Amann, Hans Schlettow, Fritz Alberti e Papae Noel.

Dita Parlo e Mosjukine

Natal na Ufa...

DITA PARLO

JENNY JUGO E ENRICO BENFER

Onde vamos passar o Natal?

(FIM)

Claudia Dell, queria passal-o no Texas, seu Estado natal. John Mack Brown, no Alabama. Mary Nolan, em Kentucky, ouvindo os cantos macios e tristes dos negros. Irene Dunne, tambem no Kentucky.

Estelle Taylor, por sua vez, queria passar o Natal, se possivel, rodeada de todas as crianças de um Asylo qualquer, das proximidades e gosando, satisfeita, as delicias das exclamações felizes dos pequenos a cada brinquedo que fossem desvendando, na immensa arvore de Natal. Assim é que ella queria passar o seu Natal. Naturalmente Jack Dempsey não se oporá...

Kay Francis, que mais ou menos tem a mesma idéa, dispensa o orphanato inteiro, no emtanto. Diz que se contentava com um quarteto de pequenos pobres e infelizes, vendedores de jornaes ou operarios e, com elles, dividiria as alegrias dessa noite de delicadeza infinda e de commemorações que são gratas ao mundo todo.

Marie Dressler, diz que prefere Roma para passar o dia de Natal. Acha que lá reside a verdadeira fé religiosa para commmoração desse dia veneravel e, assim, lá é que ella sonha passal-o, sempre que possa.

Ramon Novarro gostaria de passar o Natal no Mexico, na sua cidade natal, aonde em vez de Papae Noel é o proprio menino Deus que as creanças afflictas aguardam, naquelle dia, preparando-lhe a agua para o burrinho beber e o feixe de capim para comer, emquanto o menino Deus deixa os presentes ás criancinhas. Assim é que elle sonhara passar o Natal, a recordar, com certeza, romanticamente, toda a sua meninice que tambem doirada era pela illusão feliz da vinda do menino Deus.

Hugh Trevor, sempre exquisito, diz e confirma que preferia o Japão, para passar o Natal, não porque não aprecie as festas do seu paiz, não, mas é que acha cacetissimo o tal *"feliz Natal"!* que todos lhe arrumam, aqui, em cada esquina e aos montes e, assim, lá estaria completamente livre disto...

Jeanette Loff diz que preferia a Dinamarca, paiz de seu pae e aonde encontraria, com certeza, um Natal que seria uma felicidade para ella assistir, porquanto sempre ouvira seu Pae contar.

José Crespo, sonha com um Natal em Murcia, Hespanha, sua cidade Natal.

Lotti Loder, com Nurembourg, Allemanha, aonde nasceu.

Lowell Sherman diz que em qualquer logar, menos Hollywood, aonde só se falam em fita e até é capaz de apparecer alguem, de algum jornal, querendo filmar o seu proprio Natal socegado, em companhia da Helene Costello...

Doris Lloyd, Claude Allister, George Fawcett e outros, lembram-se dos Nataes na Inglaterra, Nataes de Dickens, como todos elles dizem, e, assim, para elles, distantes da Patria, o Natal é mais uma recordação do que uma celebração.

Charles Rogers acha que Hollywood é o unico logar que o interessa para passar o Natal. Acha, tambem, que se deve passar o Natal, justamente aonde se ganha o sustento para a vida e para os presentes...

Robert Armstrong, que ainda não conhecia Montana e para a qual se locomoveu, recentemente, com uma companhia em locação, achou o local tão hospitaleiro e tão admiravel que já se propõe trazer sua mulher e passar em Montana o Natal.

Grant Withers e Loretta Yong estão cogitando offerecer um baile de mascaras aos amigos, na noite de Natal. Naturalmente accenderão velas e inaugurarão a arvore no dia de Carnaval..

Marylin Miller diz que gosta de passar a vespera de Natal fazendo as compras para o dia seguinte e que só isto é uma intensa emoção para ella. A orgia das compras, naquelle dia, é a cousa que mais admira e mais aprecia, de todos os outros e demais festejos.

Dorothy Mackaill não aprecia o Natal feito sob convenções.

— Eu gostaria de ir para San Francisco e lá passar esse dia. Lá é uma cidade aonde sabe-se festejar Natal. Jantaria num grande hotel, com amigos, e, depois, dansariamos e nos divertiamos com a alegria que deve estar no coração de todos, num dia assim. Mas nada de arvores e de Papaes Noés. Chega! Deixei isso com a chupeta.

Aqui estão os meios de muitos artistas passarem os seus Nataes. Concordam com elles? Qual delles tem o melhor systema?...

As estrellas que não existem

(FIM)

com uma entoação que era suave e delicada, arrebatadora e meiga). Falei porque gosto. Justamente porque não é uma cousa concreta... Justamente porque não dura! Justamente porque é illusão...

O *astro*, ouvindo aquillo, acaba de tirar o resto da fantasia de Papae Noel e, atirando-a ao chão, o que provocou uma briga de *yes men* para apanhal-a, continuou conversando com ella.

— Sinto-me melhor agora! E... Sim! Quanto ao que você acaba de dizer... Confesso: não entendi muito bem...

Ella continuava a olhar o rosto perfeito do grande *astro*. Fazia-o, entre admirada e fascinada. Não sabendo-se, propriamente, de que fórma...

— Tem razão. Não creio, mesmo, que me comprehenda. Você é daquelles que tem tudo que quer e como quer. Eu... E' como vê! *Estive*, realmente, num asylo de orphãos. Para os devidos effeitos, ainda estou lá... Sou orphã, desde meus dois annos de vida, e, até aos dezesseis eu o fui, sempre. Ha dois annos, apenas, que sou quem toma conta das crianças menores. E durante todo esse tempo, creia...

Fez uma pausa. O *astro*, no rosto, não mostrava comprehender e nem sentir, inteiramente, a profundidade daquellas affirmações.

— Eu nada mais fiz do que receber, sempre, cousas absolutamente *reaes*... Cousas *concretas!* Cousas *duraveis!* Meias de lã, grossas, para o inverno. De algodão, para o verão. Chapéos de palha que duravam annos e annos. Vestidos de fazenda grossa, forte, que só se gastavam muito tempo depois... Cousas, em summa, que perdia com o meu crescimento ou com demasiado esforço meu para gastal-as... E, assim, eu recebi, sempre, cousas que *duravam!* Eternamente, quasi... Admira-se...

E teve uma entoação de voz mais magoada e mais triste do que nunca.

— Admira-se, agora, do que eu queira, como presente, cousas illusorias, lantejoulas sem importancia, todas, mesmo, sem utilidade, mas que não duram e nem servem para nada que não seja illudir, fazer sonhar?...

O *astro* contemplava o rostinho triste da pequena *extra*. Não era um rosto sentimental e sonhador, naquelle instante. Recordava episodios tristes do seu passado... O véo dos annos que se haviam ido, toldava-lhe de lagrimas os olhos. O *astro* teve uma expansão de piedade. Afinal, elle tambem era moço e impressionavel...

— E como veio você do asylo para aqui? Da sua casa de tristezas para este logar? Para este logar, minha amiguinha, que só tem, mesmo, enfeites e cousas que não duram?...

Tambem na voz delle havia qualquer cousa de commovida e estranha lembrança. E a sua pergunta, no rosto della, repoz aquelle ar suave e meigo de pureza e innocencia que tanto lhe chamara a attenção.

— Eu vim errando, pelas ruas, até que passei defronte ao *seu* Studio. Vi um cartaz. Vi uma fileira de pessoas que ficavam defronte de uma janella. Eu ia comprar, na loja mais proxima, imagine o que?... Uma peça de algodão vermelho, lá para o asylo... Resolvi, depois de alguns instantes, esquecer o asylo e a minha missão ao menos por um dia. Nem que eu perdesse o meu logar. Nem que fosse posta na rua. Entrei paar aquella fileira de homens, mulheres e crianças. Não sabia, se me perguntassem, porque é que eu havia entrado naquella fila. Não sabia, mesmo.

E teve um pequenino riso nervoso.

Que encontraria, aqui, uma grande arvore de Natal, de verdade e um Papae Noé como eu sempre sonhei e como sempre vi sahir dos livros poucos que me deram para lêr... Quando o homem da janella me olhou e me disse que eu era muito velha, para o que queriam, eu lhe respondi, com firmeza, que era pequenina, mesmo para minha idade. Disse-lhe, tambem, que tinha experiencia de sobra. Deu-me elle um bilhete e me fez seguir adiante, com um modo rispido. Pensou elle, com certeza, que eu dissera qus tinha sxperiencia de *representar*. Não era isso! Eu lhe disse que tinha experiencia de ser *orphã!*...

O *astro* contemplava a pequena com um olhar estranho.

— E agora, agora que tudo passou... Perguntou-lhe elle.

— Agora que Papae Noé já tirou as barbas e que o homem do almoxarifado já vem buscar a arvore, grande, bonita, toda cheia de enfeites... O que vae você fazer, agora?... Você, você que é um pequenino enfeite neste collar de tristezas que é a vida?...

Os olhos de azul purissimo, da pequena, toldaram-se por alguns instantes. Mas apenas por um instante. Depois riu, infantilmente, quasi e respondeu.

— Óra... Não se assuste! Eu volto para o meu emprego, no asylo. Continuarei ajudando as crianças de lá. Isto é. A menos que a dona do predio e a chefe das crianças ache que não fiz bem em ficar na rua e me mande embora... Mas se ella não me despedir e não se importar que eu continue lá, garanto-lhe que terei muita cousa bonita e interessante para contar aos pequenos, hoje á noite, antes delles se deitarem... Pensarão elles, mesmo, que serei uma das princezas fadas que vae visitar o orphanato... Você não sabe, talvez, as cousas bonitas que eu já vi esta manhã. A arvore. Que arvore bonita! E aquella moça...

Timida, apontou em direcção á heroina, á distancia, que conversava com mais alguem que ali estava.

— E as orphãzinhas, todas, cheias de pintura amarella, no rosto e com os labios pintados, tambem... E o Papae Noel... Que, afinal, não era mais do que um artista celebre que se dignou falar commigo... Oh! Nem imagina. Eu vou comprar a fazenda vermelha, com mais animo e mais coragem do que nunca! Meu coração, no emtanto, não está mais envolvido em flanella que dura a vida inteira. Já está cheio de enfeite que dura apenas um segundo... Ainda que os enfeites da arvore não durem, meu amigo, eu lhe garanto que os enfeites de minha alma durarão... Mesmo depois que se estragar a flanella grossa que eu vou comprar...

O *astro* pensava. O que lhe havia dito, ha instantes, aquella mesma pequena? Disséra-lhe que elle não a entenderia, com certeza...

O *astro* ainda estava com os olhos fixos na pequena e ainda estava admirado. Dinheiro. Tudo quanto elle pode comprar. Paixão. Adulação continua. Applausos! Tudo isto elle tivéra! Mas romance... Romance, ainda não tinha tido.

— Menina...

Disse elle, medindo as palavras.

— Seria divertido dar-lhes tudo isso que não dura. Seria, mesmo, uma nova maneira de excitar os nervos mortos. Tudo que affastasse, em summa, do algodão, da flanella e do linho grosso que tem sido a sua unica vestimenta.

Elle parou para pensar. Naquelles olhos de romance. Naquella voz macia como um sonho...

— Está se divertindo commigo... Mas não importo! Gosto de você e você foi, mesmo, o que de mais interessante e illusorio eu tive, aqui...

A heroina atravessou o *set*, instruida pelo director e se approximou de Bob.

— Está na hora! Vamos com isso, meu rapaz! Lembre-se do nosso *lunch*, hoje... Bob, parece-me que você está ficando criança, outra vez...

Approximou-se o director.

— Para alguem que achava esta sequencia filmada uma cretinice, já está a cousa interessando muito, não acha?

A pequena *extra*, quando ouviu a voz da heroina, afastou-se dali. Afastou-se da arvore, cheia de enfeites bonitos, de todas as côres. A sua figura, para os olhos de Bob, parecia diminuir, diminuir, até ficar quasi invizivel. Em dois passos rapidos, elle alcançou-a quando já sahiu. Apanhou-a, pelos cotovellos e voltou-a para si.

— Sinto, meus amigos.

E falando para os olhos da pequena *extra*, respondia aos appellos da *estrella* e do director.

— Mas eu acho que vou ter, hoje, um *lunch* differente: uma fada, um quarto de lua, um pouco de estrellas e um grande sonho como sobremesa...

A pequena, ao sentir os dedos do *astro* sobre si, voltou-se. Ao ouvir suas palavras, sorriu. Comprehendeu elle, no acanhamento daquelle rosto, quando sentiu que elle a tocava, que não era uma menina que tinha sob seus olhos. Que era uma mulher! E, mulher, queria que o sonho de alguns instantes fosse eterno, talvez...

Mezes depois, os jornaes falavam de um rosto de pequena, lindo, que olhava admirada, uma arvore de Natal e que era a cousa mais bonita, mais romantica e mais sentimental que o Cinema já havia mostrado.

— Tem illusão! Tem romance! Tem o enfeite passageiro de uma cousa que não é mais do que fantasia...

Disso um critico.

Outro, tambem disse.

— Ella me fez lembrar meus dias passados. Quando meus sonhos ainda eram bonitos e bons...

Lendo as noticias, sorridente, achando uma graça immensa naquillo tudo, elle, o *astro*, levantou-se. Beijou a esposa novinha em folha. Demorou muito tempo seus labios sobre os della e depois, sentencioso, emquanto ella o acariciava, cada vez mais meiga, disse:

— Não, querida! Basta um só *artista* na familia...

Cinema de Amadores

(FIM)

E' necessario sacrificar algum film virgem, perdendo-o, para ter-se o que escolher quando chegar o momento de editar a pellicula. A supposição de que se devem apanhar cem metros de film, para aproveitar todos os cem metros integralmente, é completamente erronea. Se de cem metros de film pudermos aproveitar setenta, podemos ter a certeza de que esses setenta valerão o preço dos cem.

Esta politica é seguida pelos profissionaes de Hollywood, e não é tão perdularia como parece.

Para essas comedias em dois rolos, por exemplo, coisa que nunca vae além de 600 metros, em média, gastam-se uns 4.000 metros. E no emtanto, quando o film é levado ao mercado, todos querem programmal-o ou adquiril-o.

Antes de se vêr o film na téla, é impossivel reconhecer o valor pictorico de cada apanhado, em particular. E como será impossivel voltar a filmar os logares por onde já passamos, se acaso voltarmos para casa deplorando termos filmado apenas cinco metros ao envéz de dez, é logico que preferiremos ser previdentes a ficarmos desapontados. Por limites á metragem de uma scena é a peor e a mais util das formas de economia para o amador.

Para o principiante, a politica contraria, seguida por todos os profissionaes do mundo, parecerá perdularia, como dissemos, mas o contrario é o que se dá, porque o nosso alvo é fazer um film bom, e não economizar a pellicula. Supponhamos 100 mil réis o preço de um film em que empregamos 100 metros de pellicula. Agora, si dobrarmos o numero de metros gastos, mas o film tambem dobrar de valor, não continuará a mesma essa relação entre o custo e o valor do film?

Adaptavel ás considerações que aqui ficam, a melhor regra consiste em filmar duas vezes os assumptos que temos a certeza de serem aproveitaveis; e mais de duas, aquelles que não temos tanta certeza.

Por ultimo, convém evitar os monumentos e edificios publicos, paizagens e demasia, e festividades ou paradas. Se quizermos aproveitar isso para os nossos archivos, muito bem; mas para os nossos amigos será cansativo.

Aos nossos amigos, precisamos apresentar *films cinematographicos, e não cartões postaes*.

O que elle pensa das mulheres

(FIM)

Mulheres mandam-lhe presentes. Crucifixos de marfim. Rosarios de madreperola. Chegam-lhe presentes do Japão, da China, do Brasil, da Europa, da India, de Iowa, de Kansas, da California, de New York... Mandam-lhe imagens. Quadros, Estatuetas. Só figuras que vivam um sonho, uma fantasia, uma illusão... Romance...

Mulheres francezas, hespanholas, escrevem-lhe. Ainda falam de *Bem Hur*.

Mulheres italianas tambem. E' mais importante ser *Galahad* do que ser Garibaldi...

O que todas querem, o que todas pedem, o que todas supplicam, é só isto: Romance...

"Roseland", que a Columbia está fazendo com a direcção de Lionel Barrymore e a principal interpretação da "estrella" Barbara Stanwyck, tem, no elenco, mais as seguintes figuras: — Sally Blane, Blanche Friderici, Phyllis Crane, Ricardo Cortez e Victor Potel.

◈ ◈ ◈

"Within the Law", da M. G. M., tem Sam Wood na direcção, Charles Rosati operando e o seguinte elenco, encabeçado pela "estrella" Joan Crawford: — Robert Armstrong, Purnell Pratt, Polly Moran, Hale Hamilton, William Bakewell, Marie Prevost e Edward Brophy.

◈ ◈ ◈

A Columbia pediu Howard Hawks emprestado á First National para fazer "Criminal Code", um seu film que teria Walter Huston no principal papel. Hawks, no emtanto, intimou Harry Cohn, o presidente da Columbia, a deixal-o escolher todo o elenco ou, então, não contasse com elle. Parece que Harry Cohn concordou...

◈ ◈ ◈

A dupla Stan Laurel-Oliver Hardy iniciou mais uma comedia, "Another Fine Mess", com James Parrott dirigindo e Jack Stevens operando.

Que ha com Clara Bow?...

(F I M)

já recuperava, de vez, aquelle seu corpo primoroso de temnos idos, ao mesmo tempo que com alguns exercicios vocaes adquiria uma voz soffrivel e supportavel para os ouvidos dos seus "fans". Todos ficaram contentes com Clara Bow. B. P. Schulberg, seu chefe mais paciente e attencioso, ficou satisfeitissimo com aquillo tudo e annunciou que ella seria, em poucas fitas, o verdadeiro e maior furor do Cinema falado.

Houve, no emtanto, uma perturbação qualquer de atmosphera e tudo tornou a cahir por terra, terrivelmeste. Entre uma e outra fita, Clara Bow ia a Dallas, Texas. E os jornaes, de ponta a ponta do paiz contaram uma historia triste e infeliz. Triste e infeliz, porque, afinal; tocavam num ponto extremamente particular da vida da "estrellinha" e collocando-a, assim, numa situação aborrecida e pouco sympathica ao publico. Diziam, as referidas noticias, que a esposa de um medico do Texas accionára Clara Bow, accusando-a de lhe ter roubado o marido e o socego do lar. Uma historia que, afinal, Hollywood ha muito tempo já conhecia. Telegrammas de lá para cá. Chamados urgentes. E em vez della obedecer e voltar, mesmo, uma nova viagem a New York se fez e ella teve mais publicidade com Harry Richman... para seu prejuizo, diga-se.

Depois disso houve uma temporada ferozmente infeliz para ambas as partes. Porque, acima de tudo, o que mais tornava o caso antipathico, em si, eram as ultimas attitudes selvagens da menina indisciplinada e voluntariosa que Clara Bow sempre foi.

Afinal, póde-se dizer, com certeza, mesmo; que Clara Bow, aos vinte e cinco annos, ainda não aprendeu a governar a sua vida! Porta-se, até hoje, como se fosse uma collegial invadindo prohibições e attribuições. Mas... aqui vae a pergunta que a nós proprios fazemos: continuará ella a ser a "melindrosa" immortal ou será, ao contrario, a eterna "melindrosa"?... Não comprehenderá ella, afinal, que as maluquices que se desculpam numa pequena de dezoito annos, absolutamente não se podem desculpar em outra de vinte e cinco?...

Clara Bow, no emtanto, merece diversas attenuantes, das quaes vamos citar algumas.

Todos já sabem, perfeitamente, o quanto ella tem soffrido a perda prematura de sua mãe.

Tem sido essa, mesmo, a sua maior desorientação. Em busca de nome e de dinheiro, ella passou a galopar furiosamente pela vida afóra, não tendo ninguem que lhe tomasse as redeas, collocando-a em situação de comprehender a sua real condicção de mulher.

Na sua vida, ha uma verdadeira procissão de jovens que já tiveram contactos mais ou menos directos com o seu coração. Foram alguns delles, mesmo, que lhe isculcaram alguns defeitos de caracter. Certa vez Clara Bow declarou em uma entrevista:

— O que ha de ruim com meus pequenos, é que elles gostam muito de repetir demasiado os seus carinhos e isto é um transtorno, porque, afinal, acaba-se é estragando toda a pintura dos labios, mesmo! E, outros, então, quando não pensam em carinhos, querem transformar-me e isto, positivamente, é uma cousa que não agrada!

Confessa, ella, que tem sido amada por muitos e que não tolera, absolutamente qualquer interferencia na sua vida particular. No emtanto, todos sabem, tambem, que ha séte annos que ella procura; ardentemente, um amor sincero, enorme e verdadeiro que lhe tome conta do coração, que a escravize, mesmo, e que a transforme numa voluntaria escrava do amor.

No emtanto, nada conseguio a seu favor.

Houve Gilbert Roland, na sua vida. Gary Cooper e Victor Fleming. Robert Savage, theatralmente, cortou seus pulsos, numa tirada dramatica, por amor á Clara Bow... Falou-se momentaneamente de Nino Martini, Bella Lugosi, Tex Bell e poucos sabiam da historia do joven medico de Dallas, Texas.

A historia com Harry Richman foi a que mais se prolongou. Harry, para conseguir isso, tinha em torno de si a fascinação das noites de cabaret em New York.

— Eu amo Harry Richman, sim!

Declarou ella a reporters, no principio do negocio, inexperiente e maluquinha como sempre. O que aconteceu, afinal, foi logico. Deram-na como noiva, quando nem sequer nisso se falou. Passou-se um anno e sempre os mesmos boatos em torno della. Uma cavalheira de theatro, Florence Stanley, achou de interferir nesse caso com Harry Richman e tentou processal-a por afastar de si os affectos que eram della do "lindinho" Harry. E, quando declarou isso aos jornaes, poz, bem claro, o cynismo com o qual em New York tratam-se estes casos communs, lá e tão prohibidos e exquisitos aqui em Hollywood.

— Harry é meu homem. Elle jamais amou aquella maluquinha. Elle apenas se diverte com ella porque isto lhe traz uma publicidade enorme e vantajosa!

Isto assim publicado, em pagina numero 1, era, para Clara Bow, humilhante e triste, sem duvida! Falou-se em suicidio. Hospital para uma appendicite "passageira" ou qualquer outra cousa assim. Depois um aborrecimento com outro namorado. Desgostos financeiros e mais uma serie de factos que atormentavam cruelmente o pobre cerebro de Clara Bow, pobrezinha! Quantas lutas! Seu pae pouca influencia tinha e, além disso, era um joguete nas mãos de sua segunda esposa, uma madrasta que Clara Bow arranjou, de sua idade quasi, e terrivel! Os seus amiguinhos, por sua vez, acovardados e incapazes de uma reacção em nome della. E, assim, nada mais fez ella do que abaixar a cabeça aos rumores e aos commentarios terriveis que se passaram a fazer sobre ella.

A sua philosophia pouco experiente, fez-lhe comprehender que poderia apanhar rosas sem se maguar com os espinhos. No emtanto succedeu o que era esperado, feriu-se...

Ha oito annos que tem a vida agitada na luta no Cinema, pela fama, pelo dinheiro e pelo nome. Mas elles não conseguiram ensinar-lhe disciplina propria para certos e determinados casos. Apesar dos seus vinte e cinco annos, uma criança sem juizo na sua menor acção...

Que virá agora?

Declarou ella aos jornaes, depois deste seu ultimo caso, que ia ser "quietinha e comportada". Até ao momento de fazermos publicar este artigo, continua dentro da sua promessa. Está trabalhando, attenciosa e não se está preoccupando, presentemente, com problema algum que prometta algum aborrecimento futuro. Dia 1 de Outubro, seu contracto com a Paramount termina. Apesar da propaganda contraria e desses escandalos que os jornaes ventilaram ao cru, suas fitas continuam dando um dinheirão. A legião de seus "fans" é a mesma e, talvez, maior, mesmo, com a inclusão de muitos apaixonados de ultima hora. Presentemente o seu ordenado orça pelos seus tres mil dollares semanaes e se as cousas andarem de accordo com os planos, terá o contracto reformado, por mais um anno, á razão de mais algumas centenas de dollares pelo mesmo augmento. E' apenas isto que podemos dizer sobre o futuro de Clara Bow. Depois que "Down to the Sea in Ships" fez aquelle successo tremendo, em 1922, a vida desta pequena tem sido uma tormenta agitadissima.

E' logico que ella merece a fama que tem. Afinal, Clara Bow inaugurou, no Cinema, um typo que é "standard" e que centenas de outras pequenas têm procurado absolutamente em vão imitar. Ella é unica e, além disso, é uma artista de emoção e de sentimento. Mas ella seria infinitamente melhor se deixasse de lado esses seus impulsos de genio arrebatado que tanto a perseguem e que tanto a prejudicam, mesmo...

Vamos fundar a "Liga de Preservação e Protecção Cuidadosa a Clara Bow?..."

Só assim é que a veremos cada vez melhor artista e, tambem, menos envolvida em casos tão escabrosos nos quaes a sua ingenuidade extrema de pequena que ainda crê em delicadeza moral constante está tropeçando.

A "F L A M M A"

(F I M)

ella o ajudasse a insufflar os camponezes. Aniuta comprehendeu que essa era a unica maneira pela qual podia poupar o homem querido á sêde de sangue daquelle bruto. E á frente dos revolucionarios e ao lado do terrivel Commissario partiu rumo ao castello, animando a turba multa agora faminta de grandeza e de fortuna!... Em poucas horas os camponezes orientados pelos revoltosos tomaram conta do castello, depredando-o e saqueando-o e tudo destruindo, só poupando a vida do principe que, escoltado, foi levado até á fronteira mais proxima. Konstantin, agora, no paroxismo da alegria avançou para Aniuta, revelando nos seus gestos que a ia envolver numa prolongada caricia, num carinho e numa ternura que elle nunca lhe permittiu. Mas Aniuta repellindo-o energicamente e mostrando-lhe a sua repugnancia, fel-o vibrar do odio ao extremo delle chamar pelos seus soldados e mandar prendel-a, accusando-a de traição á causa revolucionaria triumphante. Levada, summariamente, a julgamento, o tribunal a condemnou a dez annos de degredo na Siberia, isso, disseram os juizes; em consideração aos seus "bons serviços prestados antes". Mas Konstantin que não perdera a esperança de vir a possuil-a, um dia, não a mandou para aquellas regiões remotas e frias, deixando-a na prisão. Podia ser que um dia, depois, ella se resolvesse a ceder...

* * *

Natasha que vinha acompanhando, o coração ardendo de ciume, todo o plano de Konstantin, naquella noite mais e mais se enfureceu. Ao contrario dos seus habitos, Konstantin se dispuzera a sahir mais cedo, dizendo-lhe que ia resolver uma questão muito seria no Quartel-General... Mas Natasha, por meio de informações fieis soubera que o seu amante se ia encontrar com Aniuta, a quem mandara buscar no presidio. Sedenta de vingança ella já se levantava para sahir quando reparou que se sentava, numa mesa proxima á sua, desfigurado e abatido, o principe Voldya.

— Como se atreveu á voltar á Russia? indagou-lhe olhando bem no fundo dos olhos.

E elle, resoluto:—Voltei para procurar Aniuta!...

— Aniuta está presa... aqui.

E pondo veneno nas palavras frias:

— O Konstantin vae pôl-a em liberdade logo mais...

E o principe tudo comprehendendo, cheio de revolta:—Então é por isto que o Konstantin a conservou aqui, em vez de mandal-a para a Siberia!...

Natasha, com a mesma frialdade:

— Você póde ser util ao nosso governo. Venha commigo...

Todo habil extratagema de Natasha já estava delineado. Nas salas contiguas ao gabinete de Konstantin, os mais graduados membros do communismo já se encontravam á espreita. E do mesmo modo Voldya foi conduzido a uma saleta de onde ella começou a observar Konstantin todo ternuras para Aniuta, digna e revoltada. E o principe, bem como os outros, não perderam nem um gesto, nem uma palavra do terrivel commissario communista:

— Alegro-me de vel-a novamente, Aniuta. A prisão não a mudou em nada...

E ante o silencio impenetravel da "FLAMMA":

— Vou leval-a commigo, hoje. Vamos para Paris. Estou rico... posso proporcionar-lhe todos os luxos e prazeres.

Voldya não se conteve. Avançando resolutamente enfrentou Konstantin dizendo-lhe que ali estava para levar Aniuta. Konstantin, com o maior cynismo, respondeu-lhe que ella ia sahir sim, mas com elle.

E ante a estupefacção dos chefes communistas:

— O meu ideal era roubar para enriquecer!...

— E só para isso, meu caro principe, é que serve o communismo!...

Nada mais era preciso para ficar constatada a traição. Os generaes communistas avançaram. Prenderam Konstantin e fuzilaram-no, fazendo-lhe pagar com a vida o seu feio crime. Voldya e Aniuta, embriagados de amor voltaram para o recanto delicioso da provincia onde sempre viveram felizes para, agora, construir uma felicidade maior ainda, num lar cheio de ventura e de paz... E — curiosissimo — o principe, tornado camponez achou bem melhor aquella vida nova...

Ao contrario do que se noticiava, Rupert Julian não dirigirá mais a versão falada de "Merry Go Round" (Redomoinho da Vida), para a Universal. Elle vae tomar conta de outro film e esta versão esperará que Von Stronheim conclua "Blind Husbands" (Maridos Cegos), para que elle proprio dirija este assumpto. Mary Philbin, Norman Kerry e Geroge Hackathorne, dizem, conserval-os-á Von Stroheim no elenco da versão falada. Como sabem, Von Stronheim iniciou esse film, ha annos e deixou-o na metade, tendo Rupert Julian concluido seu trabalho. Foi ahi que começou a sua briga com a Universal, que agora cessou com seu novo contracto.

Mae Bush e Jean Laverty, entre outras, metteram-se numa "farrinha", em Hollywood e, o final, como quasi sempre, foi na policia. Por causa destas e outras é que muita gente não faz fé em Hollywood...

◈ ◈ ◈

"Ex Flame", da Liberty, terá José Bohr no primeiro papel.

◈ ◈ ◈

Olga Tschekova assignou um longo contracto com a Universal. O seu primeiro papel é na versão allemã de "The Boudoir Diplomat", que Ernest Laemmle está dirigindo.

◈ ◈ ◈

"Vengueance", da Columbia, terá Buck Jones no primeiro papel, e Barbara Bedford como heroina.

CONCURSO DE CONTOS

Nenhum escriptor ou contista brasileiro deve deixar de concorrer ao Grande Concurso de Contos promovido pela revista "Para todos..." com grandes premios em dinheiro, cujo total ultrapassa a cinco contos de réis.

Leia em qualquer numero dessa revista em pagina inteira as condições e bases pelas quaes é regido esse certamen, que se encerrará impreterivelmente no dia 28 de Fevereiro.

SENSAÇÃO! BREVE!
"Album do Progresso do Rio de Janeiro"
O Album da Revolução!

VAMOS BRINCAR...

(F I M)

— Eu sou Didi Vianna, entendeu?... Você quer brincar commigo?...

E o pequeno já se divertia immensamente com aquillo tudo. E assim, um a um, os outros bonecos passaram pelas suas mãos. Paulo Morano, um boneco divertido e sympathico. Celso Montenegro, muito delicado e distincto, que perguntou logo pela familia toda do pequeno... Raul Schnoor, forte e grande, o maior delles e o mais "forçudo". Carmen Violeta, uma boneca de olhos de amendoa e bocca rasgada, sensual, exquisita. Gina Cavalieri, sympathica, cheia de vida e de alegria. Tamar Moema, uma bonequinha triste e acanhada, que custou a responder o nome. Augusta Guimarães, uma boneca que fez logo camaradagem com elle. Alfredo Rosario, um velhote sympathico, e toda hora querendo entrar na conversa. Decio Murillo, boneco que vivia contando que fôra embarcado no Rio Grande do Sul e que viéra expressamente de lá para divertir o garoto. Luiz Soróa, falando a toda hora e não deixando mais ninguem se entender, ali, dando opinião a todo instante e procurando apresentar todos, a um só tempo, ao garoto, que já estava attonito e espantado... Maximo Serrano, com uma fala de trovoada e um sorriso de "pose" especial. Carmen Santos, uma boneca sensualissima, interessante e viva, que logo ançou um sorriso ao garoto, pondo-o atordoado. Nita Ney, garotinha e malandra, contando-lhe tudo que pensava daquella viagem estafante que fizéra dentro daquella caixa. Yara D'Azil, mais brejeira ainda, sorriso de covinha e olhos de jaboticaba. Eva Nil, sempre perto de Tamar Moema e tristezinha, com saudades, sempre, de alguma cousa inexistente. Cléo de Verberena, uma figura alinhada, imperturbavel, que logo se fez querida do garoto. Ronaldo de Alencar, vestido á moda antiga, botas de cano alto, espada á cintura, chapéo de pluma,, fazendo uma saudação "a la" D'Artagnan ao garoto, que logo lhe fez festa. Ubi Alvorado, vestido de aviador, sempre debaixo dos olhos do pequeno, vivo, que não o perdia de vista. E, assim, todos elles, ali espalhados, o'havam o garoto e eram olhados. Este, sentando-se, finalmente, sempre attonito, não tirava os olhos delles. Um unico lhe fizéra medo: Ivan Villar, um boneco terrivel! Mas os outros, eram interessantes. E, que bom! Fa'avam, andavam, moviam-se como se fossem gente... A sua ultima surpresa foi quando viu a machina andar, nas suas tres pernas, sempre acompanhada pelo Maximo Serrano, que zelava por ella com um carinho enorme, seguido pela vigilancia do Paulo Morano, foi quando ela se chegou a elle e disse, curvando-se:

— Pequeno! Eu sou *Miss Mitchell,* vim dos Estados Unidos, uni-me ao grupo que ali está e aqui estou. Vamos trabalhar?...

— Trabalhar?...

— Sim, vamos fazer alguma cousa de bom e de bonito Alguma cousa que se possa mostrar e que o mundo inteiro possa apreciar e dizer bem della?...

(Termina no proximo numero)

Cinearte

Vende-se collecção completa desta revista, perfeitamente conservada. Trata-se com Carlos Brant, á Rua Junquilho, 54 — Santa Thereza. Telephone 2-1015.

SENSAÇÃO! BREVE!
"Album do Progresso do Rio de Janeiro"
O Album da Revolução!

SENSAÇÃO! BREVE!
"Album do Progresso do Rio de Janeiro"
O Album da Revolução!

UM ALBUM LINDO — ALMANACH D'O TICO-TICO PARA 1931

PIXAVON
Minha senhora,
a moda actual exige não só que se accentue a linha do corpo, mas tambem que se use os cabellos cortados "á la garçonne", innovação graciosa e original que completa harmoniosamente a silhueta.
Mas, para obter este conjuncto harmonioso, não basta cortar os cabellos, é necessario que se possua uma cabelleira farta, flexivel e brilhante.
Este alvo que tantas mocas buscam em vão, V. Exa. poderá alcançar lavando seus cabellos, habitualmente, com PIXAVON, sabão liquido de alcatrão, conhecido e usado em todo mundo e que lhes dará a belleza, o brilho e a flexibilidade que permitte obter as encantadoras ondulações tão desejadas por todas as senhoras.
E' ao PIXAVON que as senhoras de hoje devem, em parte, as homenagens que lhes são rendidas, porque é elle que lhes completa a belleza e graça, dando-lhes uma cabelleira digna de ser apreciada e até invejada.
O PIXAVON é o unico no seu genero, e nenhum outro preparado de sabão liquido de alcatrão o substitue. Tanto para seu uso em casa como no cabellereiro, exija sempre a marca
PIXAVON.
O PIXAVON é vendido em vidros originaes, fechados.
PIXAVON